FON FON
ANNO XXVII — N.º 31
Rio, 5 de Agosto de 1933
PREÇO: 1$000

PARA VENCER AS

HEMORROIDAS

SÓ HA UM MEIO : USAR A

POMADA E OS SUPPOSITORIOS

MIDY

PRODUCTOS PARA OS QUAES NÃO HA CONTRA-INDICAÇÃO

A' VENDA EM TODAS AS BOAS DROGARIAS E PHARMACIAS

O CONTO BRASILEIRO

DONA CONEGUNDES

De Affonso Netto

QUARENTA e cinco annos. Noventa e um kilos. Um metro e setenta e quatro de altura. Rosto fortemente signalado pela variola impiedosa. Um buço absurdo. Um genio terrivel... Mas, d. Conegundes não se via nesse espelho. Via-se em outro. Em um que a punha differente. Muito differente... No espelho da própria vaidade.

— Eu, pensava e dizia a virago, eu não sou uma Joan Crawford. Isso não sou. Mas, tambem, para feia não sirvo (!). Um pouquinho nutrida... Porém, não é horrivel uma mulher esqueletica? O Mussolini, que é um homem de gosto, não vive a fazer a apologia da gordura?... Depois, eu sou, sem falsa modestia, muito elegante. Todos dizem: "Como é chic a Conegundes!" Isso quer dizer que tenho "it"... E os olhares de admiração que attrahio quando passo pela avenida, então!

Disso tudo a mulher do dr. Godinho estava convencida. E de muito mais. Não via mulher bonita ou bem vestida sem que, logo, estabelecesse um parallelo entre si propria e a outra. E a vencedora, é claro, era sempre ella, a presumpçosa.

Entretanto, todas as mulheres são vaidosas. D. Conegundes, é certo, era-o em demasia. Mas, nada se lhe poderia observar si essas idéas ridiculas fossem inoffensivas. Mas, infelizmente, não o eram. Eram, isso sim, grandemente criminosas. Transformavam a virago em verdadeiro algoz. Algoz do melhor dos maridos: o "innocente" dr. Paulo da Gama Godinho.

O dr. Paulo se havia deixado pescar pelos milhões ficticios de d. Conegundes. Desposára-a. Porém, já na noite nupcial, fazia planos em que entrava uma mulher. Uma mulher que não era precisamente a sua esposa. Nem sua parenta...

Pobre dr. Godinho!

Em pouco d. Conegundes revelou um ciume capaz de "abalar montanhas". E, para fazer respeitadas as suas exigencias de ciumenta, um par de punhos vigorosos...

Em vista das disposições de sua cara metade, o medico teve de abandonar os sonhos donjuanescos. E para elle começou a vida monotona de esposo fiél.

Um dia, a virago adoeceu. Pneumonia. Trinta e nove graus de febre. Gemidos. Lamentações...

O dr. Paulo resolveu aproveitar.

— Até já, querida.

Ella indagava, bôazinha:

— Aonde vaes, meu anjo?

— Ao consultorio. Tenho uma operação...

— Não demores, sim!

— Só o tempo de operar. Já volto. Até logo.

— Até logo, Paulinho.

No consultorio, apenas uma "cliente". Loira. Muito pintada. Attitudes suspeitas. Sentada na sala de espera. Um cigarro nos labios. Ar de quem conhece muito bem onde pisa

O medico... Chapéu ao cabide... Braço, familiarmente, ao redor da cintura da "cliente"...

— Demorei muito, amorzinho?

— Um pouco, meu Paulo.

Um beijo...

— Não calculas! O diabo da velha...

E sumiam-se pela porta da "sala de operações"...

Mas, uma noite, ao tomar o remedio que o marido lhe apresentava numa colher, d. Conegundes viu na manga delle um fio de cabello. Muito loiro... E, aspirando forte, a virago sentiu um cheirinho delicioso de Caron... Todavia, não fez a menor observação ao consórte.

No dia seguinte, depois do dr. Paulo ter sabido, d. Conegundes levantou-se. Vestiu o primeiro trapo que lhe veiu á mão. E rumou, desabaladamente, para o consultorio do esposo. Mas, encontrou-o deserto. E já se dispunha a voltar, quando ouviu um susurro de vozes. Apurou o ouvido. E abriu, de repente, a pórta atraz a qual se conversava...

O espectaculo não foi dos mais agradaveis. Nem dos mais edificantes...

— Oh!

D. Conegundes apanhou a arma mais ao alcance: o umerus de um esqueleto. E, terrivel a virago precipitou-se para a "sala de operações"...

O dr. Paulo da Gama Godinho passou um mez de cama... Soffreu... Eram as dôres das feridas... Os ralhos infindaveis da cara metade... e elle jurou eterna fidelidade.

O medico, finalmente, sarou. E a vida recomeçou...

Nasceu um garoto... Passaram-se os annos...

Naquella tarde, d. Conegundes conversava com uma visita. Uma mulher divorciada. Bonita. Olhos avelludados... D. Laura de Albuquerque.

— Então, Laura, soube que se vae casar novamente. E' verdade?

A morena sorriu imperceptivelmente.

— Boatos, d. Conegundes, boatos... Eu não torno a casar. Já conheço os homens. Essa canalha infiel...

A mulher do dr. Godinho interrompeu-a:

— E' porque você não sabe manejál-os. Os homens são uns covardes. Si a gente se souber impôr... Eu, por exemplo, casei-me com um patifão. Um homem que morria por um rabo de saia. Mas eu, com arte, endireitei-o. Hoje é um santo!

Laura lembrou-se do dr. Paulo... Do beijo que elle, ha pouco, quando ella chegava, lhe quizéra dar, no corredor... Da bofetada com que respondera...

— E', de facto, um santo.

Nisto, entrou na sala o marido da virago. O homem, após a bofetada, escapulira para o banheiro... Si a mulher o visse com a cara vermelha... Mas agóra, timido, elle, o santo, vinha cumprimentar a visita...

— Oh! d. Laura... Bôa tarde! Como tem passado?

A moça apreciava aquelle descaro.

— Bem, doutor. E o senhor?

— Mais ou menos...

A esposa cortou lhe a phrase:

— Mais ou menos o que? Bem. Muito bem.

E elle, obediente:

— E'... Bem. Muito bem.

E sentou-se ao lado da virago.

— E o Betinho, como vae, d. Conegundes?

— Bem. Está muito gordo. Vou chamál-o.

Voltou-se no sofá. Abriu o vozeirão:

— Betinho!...

(Continúa na pag. seguinte)

A CEGA

— NÃO chores... foi impossivel evitar esta desgraça.

— Teu casamento está desmanchado...

— Tens razão... Mortos meus olhos á luz, agora já não é possivel...

— No entanto, Jayme é um bom rapaz. Talvez queira se casar comtigo...

Um doloroso sorriso desenhou-se nos labios de Luiza. Estremeceu e, passando suas pallidas mãos sobre as palpebras, murmurou:

— Não, mamãe... Está tudo acabado... Sou eu quem não quer...

— No emtanto...

— Sou feia e cega... Um fardo pesado. Jayme não seria feliz... Dir-lhe-ei que procure outra.

— Penso que elle voltará...

A pobre mãe procurava tranquillizar a filha. Soffrêra de um modo espantoso, ao vêr que subitamente, depois de uma febre maligna, a moça ficára cega.

Seu corpo parecia uma flôr murcha, a qual seria arrastada ao primeiro sopro do vento.

Luiza estava noiva. Sua mão fôra pedida por muitos, mas ella déra preferencia a Jayme, um rapaz honrado e trabalhador... E agora?

Nada disséra ao noivo, que se achava longe, quando se deu o desastre. Para que?... Seria sempre tempo...

* * *

HAVIA seis mezes que Jayme se avistava com a noiva, a qual deixára bella, feliz e cheia de vida e saúde. Quando chegou á porta e viu aquella sombra, se lhe escapou uma dolorosa exclamação:

— E's tu, Luiza?!...

— Sim, sou eu, Jayme.

Após um longo silencio, accrescentou, com voz que procurava ser firme:

— A tua Luiza não mais existe. Perdi meus olhos que tanto apreciavas... Sou uma morta.

Jayme calou-se.

Coisa estranha! Os olhos de Luiza pareciam ter recobrado a visão. Mas... que lhe importava que não se percebesse á primeira vista?... Ninguem poderia se casar com aquella infeliz!

Balbuciou phrases entrecortadas, e, por fim, disse:

— Bem... não tenho outro remedio sinão partir.

Naquelle momento, viu sentada, junto ao fogão, a irmã de Luiza. Pareceu-lhe bella e moça. Ella o olhava fixamente, como que lhe dizendo:

— E' uma tolice partir quando estou aqui!...

Procurou, então, uma phrase mais carinhosa... Esperaria... Chamaria um medico...

Sentia uma attracção pelos olhos de Joanna, que falavam uma linguagem facil de comprehender.

* * *

O golpe foi-lhe sensivel. Luiza adivinhara o pensamento de Jayme. Suas palavras fizeram-lhe mal, marcadas como pontas de fogo em seu coração: *"não tenho outro remedio senão partir"*... As lagrimas

DONA CONEGUNDES

(Continuação)

Nenhuma resposta.

— Bêe... tii... nhoo... ôôô...

Nada do gury.

— Dá licença, Laura? Vou ver si o acho.

— Pois não, d. Conegundes.

O dr. Paulo e a morena ficaram sozinhos na sala.

— Você é cruel, Laura!

— E o sr. é um descarado!

— Por que? Porque a amo?

— Chiu!...

Foi em tempo. D. Conegundes entrou com o filho pelo braço.

— Estava aqui na varanda e não queria vir, o travesso... Vá cumprimentar d. Laura, Betinho.

O fedelho, de 4 annos, approximou-se, medrosamente, da moça. Esta abraçou-o. Quiz beijal-o. Mas o pequeno não o permittiu. Desvencilhou-se dos braços da morena e correu para a mãe.

— Mas que é isso, Betinho? Que fiasco é esse? Vá beijar a nossa amiga. Não seja acanhado!

O garoto não se moveu.

Um beliscão.

— Num bilisca, mãe!

Laura, para não rir:

— Então não me queres beijar, Betinho?

O gury, terrivel na sua ingenuidade:

— Num. O pae quiz beijá a ...

De Henri de Forge

corriam sem que fizesse esforços para escondêl-as...

Jayme, commovido, parecia arrepender-se. Prometteu casar-se logo que Luiza recuperasse a vista. Até se propoz a custear o tratamento.

— Não; guarda o teu dinheiro — disse a cega. — Poderás applical-o melhor.

Jayme viveu ali, junto ás trez mulheres, ajudando-as a cultivar a terra.

"Não é uma pena — pensava — que não possa ficar aqui para sempre e que se desvaneça a illusão de formar um lar?"

— Ah!... aquelles olhos não queriam reviver...

Cançado de esperar, perdendo a paciencia, pensava:

— Mas, ahi está Joanna... Que lindos olhos que tem...

Afinal, uma noite, decidiu-se a falar... E casaram-se.

A mãe estava contente... Jayme era trabalhador, ficava com ellas, era o futuro garantido. Sómente Luiza, parecia indifferente.

— Que sejam felizes!... — disse, ao saber da noticia.

* * *

FORAM felizes... O pequeno terreno foi augmentado e pouco a pouco se transformou numa linda quinta, que dava bôa colheita. A felicidade reinava na casa.

O silencio de Luiza inspirava a Jayme uma especie de terror supersticioso. Dizia á esposa:

— Parece que Luiza me olha... A's vezes penso que enxerga.

— Que tolice! — replicava Joanna. Sabes perfeitamente que aquelles olhos estão mortos para sempre.

A cega passava dias inteiros sem falar, procurando esquecer...

Havia uma creança na casa, um filho do casal, louro, rosado e alegre, que conquistava a todos com suas risadas e seus brinquedos.

Luiza ficava horas inteiras com elle ao collo e o beijava ternamente, pondo os dedos nos seus dourados cabellos.

Chegou, porem, um dia, em que Luiza se sentiu morrer. Voltou a febre e persistia a todos os remedios. Sua mãe, desesperada, chamou o medico. Este veiu logo e se interessou por aquella doente de aspecto tão suave e tão triste.

Carinhosamente, fez-lhe varias perguntas e examinou com attenção os seus olhos. Depois, surprehendido, exclamou:

— E' esquisito!... Soffreu algum desgosto?

Luiza pôz-se a tremer convulsivamente.

— O desgosto de ter perdido a vista!...

— Cega?... — replicou o medico. Mas si vê perfeitamente!... O véo que cobria as pupillas desappareceu por completo... Asseguro-lhe que ha muito tempo recobrou a visão.

— Vê?... — disse a mãe, admirada. Então porque não disse nada?... Como continuou a nos enganar?... Diga, minha filha...

Então, numa terrivel expressão de angustiosa tristeza, a doente levantou-se penosamente e estendeu a mão monstrando Jayme que entrava.

---

nhora i levou uma fetada. Eu num quero levá fetada...

Laura purpureou.

O dr. Paulo empallideceu.

D. Conegundes foi inchando, inchando...

Meio minuto de silencio. E o grito terrivel:

— Canalha!

A virago afastou o filho com um empurrão. Levantou-se. Agarrou numa cadeira. Jogou-a na cabeça do marido.

— Então você anda beijando as visitas, hein!

E vá outra cadeirada.

— Perdão, Conegundes, perdão...

— Tóma, animal!

A estatueta passou raspando a orelha do pobre homem.

— E' mentira do Bétinho, Conegundes... E' mentira...

— Mentira o que, seu pirata!

Agora a megéra avançava aos soccos para o marido.

Laura pôz-se a gritar:

— D. Conegundes!... D. Conegundes!...

O Bétinho ria com os dentinhos de leite...

— Você me mata!... Chega, que você me mata!

— E' p'ra matar mesmo... Tóma lá!

O "uppercut" foi tremendo. E o infeliz medico baqueou no tapete... Rasgado... Cheio de sangue... "Knock-out"...

POEMA EM PROSA

EU amo a poesia sem rimas e sem metrica.

Meus versos são livres como as aguas que se derramam do alto das montanhas longinquas.

A minha poesia é simples como o sorriso de uma creança. E' ingenua como a canção de um passaro a voejar entre flôres de um jardim.

* * *

Deus tem sido muito bom para mim.

Elle me deu o azul do céo.

Elle me deu todas as estrellas.

* * *

Rios de pranto vão correndo pelos meus olhos.

Numa grande dôr, tenho a alma sempre cheia de versos lyricos e os meus grandes olhos tristes cheios dagua.

* * *

Poemas em prosa... Livros em rimas que compuz chorando e sorrindo. Alegria triste.

Quando eu ficar com os meus cabellos carregados de neve, quero reler as paginas escriptas.

Quero chorar de alegria, lendo os meus versos tristes...

Folhas cahindo... Olhando as aguas, um vulto esguio de passaro tem uma attitude triste de philosopho...

Aguas fugindo... E' o tempo que se esfuma. Rios correndo sempre para o mar...

* * *

Os versos mais perfeitos da minha autoria são justamente os versos que não faço. São aquelles que procuro fazer, na ansia dolorosa de perfeição.

* * *

Faz frio. Deixa aquecer a minha bôcca fria nesses teus labios até que o sol, afugentando as brumas, nos venha encontrar neste leito de sêdas.

Escuta!

Escuta os poemas que vou dizer nos teus ouvidos, meu lindo amor!...

* * *

Meu filho.

Eu te beijo com os olhos suavemente. No meu beijo vae toda a minha vida de poeta triste.

Eu te beijo com os olhos porque não te posso beijar com os labios. Tristes labios cheios de sangue...

* * *

Cansado de vibrar, de brilhar, de combater, o sol repousou a sua cabeça de guerreiro louro sobre as almofadas verdes das montanhas.

Funeraes da luz...

Viuva triste, a noite veiu collocar um punhado de estrellas — flôres lindas do jardim celeste, sobre o cadaver do sol...

* * *

Noite esplendida e macia. O céo, ao longe, envolve as ondas num beijo longo como o infinito.

No jardim das caricias, as estrellas são rosas...

E as rosas?

As rosas são lindas boccas rubras pedindo beijos.

PAULO FREITAS

saibam todos...

CARLOS PRIMEIRO (?) — O sr. é exigente e, até certo ponto, um homem contradictorio. E sabe por que?

Não. E' melhor que se leia antes a sua carta:

"Yves. Saudações. Torno á presença do amigo com mais uma poesia.

Caso a mesma não mereça attenção, não se preoccupe muito... e o resto eu já sei...

Nada de arenga, compreende, Yves?

Quanto ao coupon, na proxima correspondencia remetterei; e por falar em "proxima", creio que você, se não estiver, irá ficar aborrecido, não?

Enfim, que diabo, Yves, façamos camaradagem.

Grato seu amigo. — Carlos Primeiro."

O sr. avisa, apavorado: "nada de arenga!"

O sr., para evitar o que chama "arenga", devia ter o bom gosto de não importunar a paciencia alheia com a sua ancia de se fazer poeta, seja lá como fôr.

O sr. não percebe, ou não quer perceber, que são os poetas maus, como o sr. e outros que nos obrigam a essas longas dissertações. Por meu prazer, eu não as faria. Arengas ou não, eu me poderia limitar a dizer simplesmente: "Sr. Fulano, seus versos foram para a cesta". E estava tudo acabado.

Mas, o sr. não pensa de tal modo. Paciencia.

O que não posso fazer é attender o seu pedido. Já descobri que o melhor meio de ver-me livre de certos poetastros é, realmente, "arengar" e com tal insistencia, que os leve a caírem núm poço... para sempre.

O sr. diz que não quer "arenga", como quem pede "não gastar cêra com tão ruim defunto"... Não é isso?

Meu caro. Não creia que eu gaste cêra com todos os ruins defuntos... O que eu gasto é pura vela de sebo. Entende?

Mas, apesar disso, ha defuntos impertinentes... Nós os matamos [illegible], e elles, não sei por que milagre, ressuscitam no proximo numero...

E, então, o que elles nos trazem é uma "arenga... lyrica", ruim, má, insupportavel, como esta que agora o sr. me remette:

PARTIDA!

....e tanta cousa me vae pela alma, [vae
tanto sentir, tanto amargor e [pranto;
e meu pobre coração, de dor se [contrae
lembrando teu olhar triste e santo.

O' minha mãe, inda agora, em meu [peito sinto
a mesma dor daquelle momento [triste
a me apertar o coração num la- [byrinto
de ternura e tristeza que inda [subsiste;

Embora teu semblante fosse, ape- [nas, tristonho,
O' minha mãe, na hora da partida
li toda a angustia que em tu alma [ia...

Nessas pobres estróphes que óra [componho
vae, tambem, minh'alma combalida
pelas saudades que deixei quando [partia!...

Quer peor "arenga" do que essa, caro poeta... Primeiro... no genero?

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephones: 2-4136 e 2-9706

FON - FON — 5 - S - 933

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

WALBAR (Espirito Santo) — Olá, poeta! A sua carta merece as honras do Saibam todos...

Eis o que me escreve o sr:

"Timbuhy, 17 de julho de 1933. Yves: Sudações. Primeiramente, peço permissão para cumprimental-o. E, depois dessa saudação, se você não vae se aborrecer commigo, vou lhe contar um facto todo da roça, e você, Yves, um espirito de todo superior, (não é bajulação) me ouvirá camaradamente. E' o seguinte:

Eu resido numa villazinha chamada Timbuhy, no interior do Espirito Santo. Distante duas horas da minha terrinha natal, está a villa de Nova Almeida (você conhece) com a sua formidavel praia. Pois bem: quando chega Dezembro, todo o povo da redondeza corre para lá. Vae comer peixe. (Aqui não se diz veranear).

Era o anno de 1930. Dezembro chegara. Animado ou antes, animadissimo pelos amigos, fui comer peixe tmbem!... Chegando lá, tratei immediatamente de fazer relações (isso foi na sexta-feira) que redundaram num formidavel baile para o domingo!... De facto, Yves, o baile realizou-se. Num dado momento, vi num dos quatro cantos do grande salão, uma praiana do outro planeta! Incontinente, dirigi-me a ella e convidei-a para a proxima contradansa. Muito delicada, não tardou em asceder ao meu convite — dansamos.

Uma, duas tres contradansas e na quarta, desabafei os meus sentimentos pra com ella: — "Senhora: acho-a linda!... A sua côr de praiana me enlouquece! Não vê que já soffro tanto por sua causa?!" E disse muita cousa mais — falei quarenta minutos sem que ella me dissésse nada — E, terminada a quarta contradansa, continuei: "A senhorinha não me responde? Não vê que está sendo ingrata?... Então ella vira-se solemnemente para mim e diz: — "Oi!"...

Acredito, Yves, que você não tivesse gostado porem, cuido eu, não têr você (tão perto da civilização) presenciado uma scena, mesmo parecida com essa.

E, depois de uma grande (corto o termo aqui porque é pouco protocolar) muito maior ainda: Um

(Continúa na pag. seguinte)

soneto para a sua critica, se acaso merecel-a.

Sem mais subscrevo-me agradecido."

A sua anecdota, relativamente á moça que diz "Oi!" é interessante. Não faz rir, porque aqui no Rio, episodios dessa natureza nos gastaram já o *stock* de riso... Esses factos são communs.

Em todo caso, a anecdota é bem bôa. Agora, o soneto, não faz rir, nem chorar: deixa-nos petrificados...

Vamos ver si o sr. nos remette outro que nos "desempetrifique..."

Pode ser, poeta?

ALVARO SANTANNA (S. Paulo) — Tenha paciencia. Os seus sonetos estão correctos, com relação á forma. Boa metrica. Rimas perfeitas. Mas o fundo, a idéa, é de uma pobreza benedictina. Em poetica, o importante não é somente a fórma. A idéa, o motivo, o thema, a these, aquillo que se define ou descreve é de capital importancia.

O primeiro soneto de *Noite de S. João*, além de mediocre, — mediocre pelo assumpto, demasiado sediço — pécca pela fórma, ou antes, pela maneira de conduzir os versos, que parecem engorgitados, cheios de caróços ou pedregulhos impossiveis de britar...

Uma prova? Eil-a:

NOITE DE SÃO JOÃO

Bombas... Fogos... Canções!...
[E' a noite em que a alegria
Mais perfeita e singela, em ondas
[transbordando,
Dos corações em prece harpejando
[a harmonia,
Para a amplidão celeste eleva-se
[cantando.

E enquanto no terreiro, ativa
[crepitando,
O cenario da festa a fogueira alu-
[mia,
Centenas de balões fluctuam cinti-
[lando,
Como beijos de luz que a Terra ao
[Céo envia.

Bombas... Fogos... Canções que
[ao longe vão morrendo,
Aos ultimos balões que vão se des-
[fazendo
Pelos vales além, que a neve amor-
[talhou.

Depois, o lampejar da chama der-
[radeira...
E no lençol da neve as cinzas da
[fogueira,
Lembrando com saudade a noite
[que passou.

BEIJA-ME OUTRA VEZ...

(A Alda Eliza)

Vem! Beija-me outra vez... Este luar é tão lindo,
aberto em lúz e flôr e a se despetalar
sobre nós, que parece entre estrellas florindo,
que foi feito, talvez, para nós este luar...

Entreabrem-se rosaes... Este aroma que andeia
perfumando esta noite e envolvendo a nós dois,
nos põe n'alma, a sonhar, a ventura que anseia
esplendor na eclosão do amor que vem depois...

Vem! Beija-me outra vez... Tu bem sabes que um beijo,
hoje, dado entre nós, ainda sábe a ventura...
E é scentêlha de amor, e é flamma de desêjo,
de timidêz um pouco e um pouco de loucura...

Meu beijo é um sanhassú atrevido e romantico
que, onde pousa cantando em gorgeios de flor,

— E' curioso! Quando elle está bêbado não se quer casar...
— Sim... E' um caso muito raro de... lucidez alcoolica...

deixa sempre esplendendo, á nota do seu cantico,
um resaibo de vida e uma illusão de amor...

Vem! Deixa-me saciar esta sêde medonha,
beijando a tua bôcca aberta ao Sonho e á Vida...
— Teu beijo ha de falar á minh'alma, que sonha...
— Teu beijo ha de florir no meu verso, querida...

Vem! Deixa-me beijar assim a tua bôcca,
antes que fuja o luar e venha a escuridão,
pois, cada beijo teu, que o meu desejo touca,
será, na minha bôcca, uma Resurreição...

Sim! Beija-me outra vez... Este luar é tão lindo,
aberto em lúz e flor e a se despetalar
sobre nós, que parece, entre estrellas florindo,
que foi feito, talvez, para nós este luar...

STENIO DE SÁ

(Do "Jardim de Caricias").

tão fino, tão sympathico, tão gentil e tão obsequioso. De minha parte, creia que estou a seu inteiro dispor, a qualquer hora. Faço questão de conhecel-o, pessoalmente, afim de que me dê a honra de um almoço ou de um chá..."

O homem pode pensar que tudo isso é hypocrisia. Mas, percebe que me esforço para não ser egoista; e que, diplomaticamente, antes de falar nos meus interesses trato dos delle e da sua pessôa.

De modo que, quando digo o que desejo, o cavalheiro fica atrapalhado, cheio de dedos — e não nega, em absoluto, o que lhe peço.

Agora, si a gente chega, e diz: "Fulano, preciso que você me faça um obsequio. Quero isto, quero aquillo, quero aquillo outro. Imagine que tenho de fazer tal coisa,

(*Continúa na pag. seguinte*)

Mediocre. Pobre de imaginação. Tudo velho, gasto e batido.

Veja só que coisa engastante e indeglutivel:

..."em ondas transbordando,
Dos corações em prece, harpejando
[a harmonia"...

Que complicação, poeta! Não acha que ha ahi muito *transbordando* e muito *harpejando*? Não é possivel tirar um pouco de *harpa* e de *transbordamento*?

CECILIA (S. Paulo) — V. ex. pergunta em que consiste "o segredo da minha victoria".

Ingenuidade! Que é que v. ex. chama victoria? Ao contrario, eu acho que nunca venci senão a mim mesmo. Entretanto, si acha que alcancei alguma victoria, nisto ou naquillo, direi que só a posso attribuir ao facto de não ser egoista, de não querer só para mim.

Eu nunca faço um pedido, que não me proponha logo a retribuil-o. E quando prometto — cumpro a minha promessa. Eu não a esqueço nunca! Sou um caracter feito de cimento armado, é verdade, mas nelle bem se pode confiar.

Quando peço um favor a um desconhecido, — pessoalmente, por carta ou pelo telephone, — sempre começo com este discurso melôso:

— "Bom dia, seu Fulano. Como passa o sr.? Está de bôa saude? está mais gordo? Tem sido feliz nos seus negocios? A sua vida vae correndo bem? E a sua familia? E os garotos? E os seus parentes? E o gato? E o cachorro? E o papagaio? Tem jogado no *bicho*? Ganha sempre? Deus o proteja! O sr. é digno de uma bôa sorte, pois tem direito a isso quem, como o sr. é

O advogado (lendo o testamento de uma dama rica). — "E a meu sobrinho Pedro, por sua amabilidade em vir todas as semanas alimentar meu peixinho dourado, deixo o bello animalzinho como herança".

OS OLHOS DO ENFERMO

DE

ROBERTO LASCANO

* * *

ANTONIO ingressou no hospital no dia de seu anniversario. No entanto, estava tão impressionado, que não o notou cabalmente até o momento em que a enfermeira lhe pediu seus dados pessoaes para confeccionar a ficha de entrada. A enfermeira appareceu de repente na porta do consultorio, deante do qual se agrupava grande numero de enfermos com uma folha de papel na mão. Vestia um longo avental branco, que tinha algumas manchas azuladas. Uma touca, tambem branca, cobria-lhe a cabeça.

— Antonio Corralhas! — gritou.

O enfermo deste nome se adeantou humildemente sem responder e com o chapéo na mão.

— E' o senhor?

— Sim.

A mulher olhou o dos pés á cabeça, e ajuntou:

— Siga-me!

E caminhou através de uma sala repleta de camas collocadas simetricamente de ambos os lados e perpendicularmente a uma rua central que dividia o pavilhão em duas partes iguaes. Penetrou em uma pequena sala situada no fim, onde havia dois armarios, um delles sem portas, que mostrava em seu interior livros amontoados, capas, papeis e outros objectos. A mulher sentou-se deante de uma pequena mesa que servia de secretária.

— O senhor é hespanhol? — começou perguntando.

— Sim. De Oviedo.

— Officio?

— Jornaleiro.

— Data de nascimento?

— 15 de agosto de 1896.

A mulher ergueu os olhos, surprehendida:

— Como?! Hoje faz annos?

— Sim — respondeu elle, tão surprehendido quanto ella.

Realmente, só agora notava que aquelle dia era o de seu anniversario.

A enfermeira sorriu.

— Não se afflija. Aqui não o passará mal. Muitos se sentem melhor que em sua propria casa, e quando o medico lhes dá alta, não querem sahir.

Acabou de encher a ficha, e accrescentou:

— O senhor terá a cama numero 27. Assim o determinou o doutor Gutiérrez, embora essa cama esteja na sala dos enfermos especiaes. Alli estará melhor. São, com o senhor, apenas quatro enfermos. Alem disso, o doutor me disse que o senhor traz uma carta de uma pessôa a quem elle aprecia muito e me pediu que o attenda especialmente. Espere um momento, que vou trazer-lhe roupa para se deitar.

Quando se viu só, Antonio começou a arrepender-se de ter ido para o hospital. O que tinha não era tão grave. Conhecia muitos companheiros de trabalho que não quizeram operar-se e continuavam vivendo sem inconvenientes. Mas a idéa dos transtornos que poderiam advir, si quizesse desistir, o conteve. Pensou nas palavras do doutor Gutiérrez e viu que era impossivel voltar atraz.

A enfermeira regressou e entregou-lhe um camisão que tinha, bordado em vermelho, o numero 27, e mais em baixo o nome do sanatorio.

— Acompanhal-o-ei até a sala — disse elle.

Entraram. A enfermeira indicou-lhe uma cama em cujo espaldar se lia, tambem, o numero do camisão. Os outros enfermos seguiam com curiosidade todos os movimentos e observavam o rosto do novo enfermo. A cama, pintada

(Continúa na pag. seguinte)

ganhar tanto ou quanto, e só você me poderá ser util. Quando é que fará o meu pedido?", e si o outro diz: "Mas, meu pae está á morte... Isso depende... Vou vêr... Etc e tal", — e nem sequer faz votos "pelas melhoras" do pae do homem que lhe vae ser util — é claro que elle o mandará ás favas, irritado com tão feroz egoismo.

E si se trata de carta — o missivista não obterá resposta.

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

Compreende agora porque arrumo tudo o que quero?... E, ás vezes mesmo agindo com tal diplomacia, encontro má vontade?

MARCOS (Capital) — Aqui está a informação que me pede, nesta nota, que o "Correio da Manhã", na sua secção *Correio literario* (17 de julho) deu a meu respeito:

"*CORREIO LITERARIO*"

Após a nota de sensibilidade, do poema "Suave Enlevo", Bastos Portella prepara agora um livro de versos, ao qual chrismou com a nuance de "Azul e Rosa". E' um titulo que define a arte do chronista da vida dos salões e do poeta, da alma feminina." Yves

de branco, com roupas tambem brancas, estava collocada ao lado de uma janella que dava para o jardim.

Era uma tarde nublada e fria e, através dos crystaes, as arvores sem folhas recortavam sobre um céo cinzento e humido seus galhos retorcidos.

A enfermeira, olhando os outros, disse:

— Este novo companheiro se chama Antonio. Espero que será um novo amigo de vocês.

E retirou-se. Voltou pouco depois trazendo um vaso com algumas flôres, que collocou sobre a mesinha de cabeceira. Antonio despiu-se lentamente. Vestiu o camisão e metteu-se na cama. Estava um pouco triste e preoccupado. Uma secreta repugnancia por tudo o invadia. Tinha a impressão de sentir, na cama, ainda o calor do corpo do seu antecessor. Talvez houvesse morrido de alguma peste maligna, pensou. E esteve quasi consultando sobre isso o enfermo ao lado. Mas o que mais o repugnava era o travesseiro e o copo para beber agua que havia sobre a mesa. O olhar curioso dos outros enfermos fazia-lhe mal. Sobretudo

OS OLHOS DO ENFERMO

(Continuação)

o de seu vizinho de cama. Este era um velhinho enrugado e com uma expressão de fria resignação nos olhos pequenos, que olhavam com firmeza, parecendo adherir-se, através de uma esteira invisivel, as coisas onde depositavam sua attenção. Não deixava de olhál-o, esperando, talvez, o momento propicio para conversar.

Mergulhou na cama com a cabeça meio coberta pelos lençóes. Pouco a pouco, um sentimento de pesada fatalidade se foi apoderando de Antonio. Parecia-lhe que nunca sahiria daquelle maldito hospital. Algumas moscas pesadas se arrastavam no vidro da janella, e, ao vêl-as, suppoz que, depois, quando adormecesse, ellas pousariam em seu rosto, deixando-lhe na pelle a sujeira recolhida com as patas nas pústulas de algum enfermo. Seu corpo estremeceu deante desse pensamento, e elle murmurou:

— Não dormirei! Não dormirei! Que immundice!

Tinha um pouco de febre e por isso sua imaginação estava excitada. Recordou-se depois, com tristeza, que naquelle dia fazia annos. O temor da morte, de que a operação fracassasse, o dominou. Completaria algum outro anno? Em seguida sua memoria evocou seus primeiros dias na cidade. Abandonára seu paiz havia nove annos, com a esperança de regressar a elle em breve, com alguma fortuna que lhe permittisse viver tranquillo o resto da vida. Mas não tivéra sorte. As economias que reunira eram muito escassas, e agora essa maldita operação que vinha prostrál-o na cama e mantêl-o inactivo. Recordou novamente seu paiz, sua aldeia, seus parentes... Como estariam seus paes, seus irmãos? Sob o peso de uma nostalgia profunda, se foi occultando na cama para desapparecer completamente. Percorria mentalmente todos aquelles logares da terra natal com os olhos fechados e transportado pela emoção.

Nunca a recordação de sua patria lhe havia penetrado tão profundamente. Sentiu quanto amava tudo aquillo, quando sob suas pálpebras cerradas as lagrimas rebentaram e deslisaram por suas faces, tepidamente. A idéa de vol-

tar se apoderou delle de fórma violenta e estranha, e, presa de selvagem desespero, tirou as cobertas de cima de si, como que enlouquecido. Ia atirar-se da cama, vestir-se e fugir daquelle logar. Mas, ao voltar-se para procurar a roupa, se encontrou com o olhar fixo de seu vizinho, que o observava com olhos claros, doces, humildes. Olhava-o attentamente, fixamente, sem a menor surpreza. Antonio não teve coragem para levar a effeito seu pensamento. Aquelle olhar era uma barreira intransponivel. Cravára-se-lhe no peito não o deixava mover-se como si o tivesse seguro com uma lança longa, firme e aguda. Sem forças, recolheu as cobertas e mergulhou de novo na cama.

— Que dia horrivel, pesado! — murmurou, para justificar sua attitude.

Agora toda sua imaginação se concentrava no velho. Continuaria olhando-o? Por que o olhava dessa fórma? Não se atrevia a mover-se, a voltar-se. Sentia os dois olhos como a pressão de dedos frios e duros que lhe opprimissem as costas.

Muito tempo esteve naquella posição. Si viesse alguem! A enfermeira... Doiam-lhe as costas. Não podia mais...

Passaram-se dez minutos. Meia hora. Uma hora. Ninguem entrava nem sahia. Nada occorria que desviasse aquelles olhos agudos e tenazes que o seguravam como uma barra. Num relogio deram cinco horas da tarde.

Mas seu temor e passividade foram desapparecendo paulatinamente. Como numa féra enjaulada, se foram transformando em uma cólera surda, que o fazia tremer como um possesso. Odiava aquelle desconhecido que não o deixára fugir. Odiava-o com toda sua alma. Elle era o culpado de tudo o que lhe occorria. No dia seguinte o operariam, e, si morresse, o velho seria o culpado. Elle era o unico causador de sua morte, seu verdugo, seu assassino.

— Assassino! — murmurou, apoiando a bôcca no travesseiro para não ser ouvido. — Matar-te-ia como a um cão! Apertar-te-ia o pescoço até fazer-te fechar os olhos de uma vez para sempre! Por que me olhas assim? Por que não me deixas fugir daqui? Miseravel! Não posso mais! rugiu alto. — Não posso mais!

E, de um salto, com o rosto congestionado de cólera, sentou-se na cama. Sem temor, como si houvesse arrebentado violentamente as ligaduras que o amarravam, enfrentou o seu vizinho:

— Por que me olhas? Que te fiz eu? Maldito!

Os outros enfermos ergueram-se em suas camas, alarmados, sem saber o que fazer. Um delles lembrou-se de chamar a enfermeira. Antonio estava fóra de si, mas o velhinho, com seus olhos humildes e doces, como si não visse nem sentisse nada, continuava olhando-o, olhando-o, com a impassibilidade de um retrato.

Chegou a enfermeira com evidentes mostras de desassocêgo. Approximou-se de Antonio e tocou-lhe na fronte. Este, gritando, exclamou:

— Não tenho nada! Não tenho nada! E' elle que me olha, que não me deixa de olhar, que não me deixa mover!

E, encostando seu rosto no travesseiro, se poz a chorar como uma criança.

A enfermeira approximou-se do velhinho. Tomou-lhe a mão que estava apoiada na colcha e retrocedeu, espantada. Depois, voltando-se e dirigindo-se aos outros, ajuntou:

— Coitado! Morreu! Morreu ha, pelo menos, duas horas. Vou chamar o médico de plantão.

— Duas horas! Pelo menos duas horas! — murmurou Antonio.

E sua voz era como o éco débil que se reflectia na parede de uma sombria casa em ruinas...

Notas de ARTE

ORCHESTRA PHILARMONICA — Duas noites de grandes exhibições artisticas as que nos deu a Orchestra Philarmonica em 24 e 26 de julho, realizando os seus 7º e 8º concerto de assignatura da actual temporada, com estes bellos programmas: I) BEETHOVEN — 8ª e 9ª *Symphonia* (Orchestra-Côro-Solo); II) — WEBER — *Abertura* da op. "Oberon"; — SCHUBERT — *Symphonia em si menor* (A Inacabada); WEINGARTNER — *Ressurreição* — BEETHOVEN *Symphonia em dó maior* (A Jupiter) e *Abertura* n. 3 da op. *Leonora*, ou *Fidelio*.

A não ser a 8ª *Symphonia* e a *Leonora* n. 3, de Beethoven, a *Abertura* de "Oberon", de Weber, e a *Inacabada*, de Schubert, regidas pela sra. Carmen Studer, e *Ressurreição*, de Weingartner, regida por Burle Marx — tudo foram novas demonstrações da regencia excepcional de Weingartner.

Sempre de côr e sem a minima falha de memoria, Weingartner não se limita ás linhas geraes das regencias communs, mas penetra fundo nos pormenores, esmiuça os mais reconditos segredos das partituras e os realça com os desenhos animados da batuta, com o vivo relevo dos gestos, que parecem formas musicaes aladas. Tem-se ás vezes a impressão de que a orchestra é um simples éco da regencia.

Infelizmente, devido á falta de ensaios, a execução da 9ª *Symphonia* não correspondeu pelos côros a tudo o que se esperava da excepcionalidade do regente. Certo foi elle grande, como sempre, mas ao seus commandados faltou a perfeição exigida. Entretanto, ainda assim, a superioridade do chefe de orchestra suppriu as deficiencias da massa coral. E o effeito geral do conjuncto, e mesmo o de algumas partes menos imperfeitas, contribuiu para o relativo exito da execução. Os solos, que participaram das imperfeições do côro, nem por isso deixaram de concorrer tambem para aquelle exito relativo. Foram solistas os artistas brasileiros: sra. Antonietta de Souza (alto), srta. Cecilia Rudge, (soprano), sr. Roberto Vilmar (tenor) e sr. Walter Sommermeyer (baixo).

Livre das imperfeições do côro, e embora lutando com as deficiencias da orchestra, Weingartner ascendeu a alturas inaccessiveis regendo *Jupiter*, a Symphonia em dó maior de Mozart. Toda a serena musicalidade da arte mozartina, a belleza suavissima do seu lyrismo sonoro, viveu momentos inesqueciveis na regencia genial do maestro allemão.

A sra. Carmen Studer é digna discipula do magistral regente. E' mesmo uma nova edição do mestre. E' Weingartner renovado e modificado pelo genio feminino. Rege de côr tambem; e rege usando de igual dynamismo; apenas — o que é na-

(Continúa na pag. seguinte)

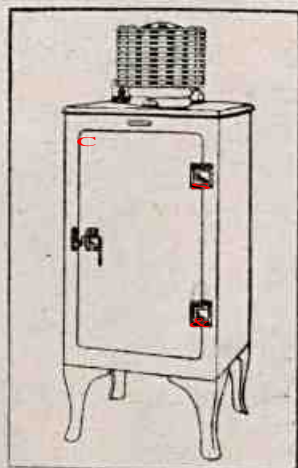
...alem disso,

é garantido por 4 annos!

O REFRIGERADOR G. E., pratico e simples, multiplica a duração dos alimentos. Conserva-os em todo o seu sabor e valor nutritivo. E' automatico e silencioso. Possue um gabinete todo de aço e um mecanismo de rara belleza e precisão. O refrigerador G. E. é indispensavel mesmo no inverno, pois as oscillações de temperatura não protegem devidamente os alimentos. E' economico, de facil emprego e além disso, garantido por 4 annos pela General Electric contra qualquer falha mecanica.

Examine estes modelos G. E. Um delles vem ao encontro do seu desejo de economia e de conforto.

MODELO S-44

J-83

Este elegante apparelho de radio virá completar o conforto do seu lar. E' de grande alcance e rigorosa selectividade.

GENERAL ELECTRIC

NOTAS DE ARTE (conclusão)

tural — sem o mesmo esplendor de magistralidade, sem o mesmo apuro requintado do famoso chefe de orchestra.

No 7º concerto a impressão que tivemos ficou aquém da nossa espectativa, salvo a admiração pela memoria da artista. E' possivel no emtanto que a nossa impressão tenha resultado menos da regencia que da natureza da peça. A 8ª *Symphonia*, apesar de grande em relação a muitas outras de outros compositores, parece não passar de um ensaio symphonico, com relação ás do mestre de Bonn. Beethoven teve razão quando elle mesmo classificou a sua composição de — *Pequena Symphonia*.

Seja como fôr, outra a nossa impressão no 8º concerto. Emquanto no 7º afigurou-se-nos não exteriorizara o regente nos movimentos da batuta todo o sentido do poemeto executado, no 8º vimos em toda a plenitude essa exteriorização. A maestrina vibrava de emoção e transmittia á orchestra gestos musicaes regendo *Oberon*, *Inacabada* e *Leonora*. Não só nas passagens da mais empolgante sonoridade, como nos trechos de mais delicado e sentimental lyrismo, a sra. Carmen Studer viveu bellos momentos de arte, dando-nos a impressão de ser o instrumento mais sonoro da orchestra.

Ressurreição, de Weingartner, que ouvimos pela primeira vez, pela impressão e só pela impressão recebida, pareceu-nos bella e communicativa composição. Tem algo de religioso. Ainda aqui se tem de lamentar a falta de ensaios da massa coral, que não permittiu tivesse a execução do poema toda a belleza que podia ter tido. Felizmente a parte final correu sem maiores deslises, e a impressão foi de inteiro successo.

E' de assignalar-se a regencia de Burle Marx, applaudido não só pelo publico mas tambem pelo seu grande mestre, o autor da peça regida. Ambos foram alvo de repetidos e enthusiasticos applausos e por sua vez applaudiram orchestra e côros.

Não terminamos sem assignalar facto rarissimo e coincidencia fortuita mas significativa. O Theatro Municipal, o theatro maximo do Rio e do Brasil viu no mesmo dia empunhando a batuta de regente duas figuras femininas, duas maestrinas: de tarde a brasileira Joanidia Sodré e de noite a allemã Carmen Studer. Embora a primeira apenas comece, e a segunda seja um nome celebre, nem por isso deixa de ser justo registar que, salvo a regencia de côr, Joanidia Sodré pairou em plano quasi igual ao da maestrina allemã, si não em todos os numeros ao menos em a notavel regencia da *Symphonia* de Miguez.

OSCAR D'ALVA

CHÁ
LIPTON
LIPTON
CHÁ LIPTON
O MELHOR NO MUNDO

URODONAL
limpa o rim
URODONAL
combate: rheumatismo
arthritismo
gotta
sciatica
URODONAL
ELIMINA O ACIDO URICO

ANNO XXVII

FON-FON

NUMERO 31

Rio de Janeiro, 5 de Agosto de 1933

Director: SERGIO SILVA

MULHERES E LIVROS

Por

MARIO POPPE

O *sport* dos livros e o de mulheres são os mais deliciosos que existem na terra.

Ha pelo menos uma grande semelhança entre elles: por vezes, fazem crêr que estamos no céu...

Temo, de publico, fixar a minha preferencia por qualquer dos dois. Para ser sincero, devia confessar que pratico ambos, com igual agrado.

Mas, para que dizer a verdade? Mentir é uma necessidade, mormente para o candidato a viver bem na sociedade. Qual a maior mentira que existe? O amôr... Entretanto, quem desdenha o amôr, symbolo do peccado e do engano, gerado no tépido ambiente do paraiso, producto da astucia mentirosa de Eva? Para viver, e viver bem, portanto, é preciso saber mentir.

Voltaire demonstrou ser um homem pratico, aconselhando: *Mentez, mes amis, mentez!*

Só a mentira cria, digo eu, com um largo bocejo de tédio, enjoado dos homens.

A mentira cria a illusão de um mundo melhor. Ella fantasia, collocando-nos longe da realidade, que não passa de uma grosseira expressão da materia bruta, insensivel...

E um punhado de illusões vale mais do que um sacco de verdades. Os livros e as mulheres! Nos livros, nós encontramos, sempre, curiosas observações annotadas á margem da vida. Os escriptores escapam á craveira commum dos homens, justamente porque olham e sentem a vida com maior agudeza. Observar e saber transmittir aos outros as coisas observadas, não está ao alcance de todo individuo.

Assim, podemos admittir que os escriptores possuem um sexto sentido... E' facil provar.

O homem que ama, quasi sempre acredita na mulher objecto dos seus cuidados. Mas, acontece que "todas as historias de amôr se parecem", e lá um bello dia, quando o homem espera a mulher que deve vir, surge, no logar della, um telegramma, por exemplo.

Os telegrammas, em taes casos, quasi todos tambem se parecem, pois são méras copias...

"Impossivel comparecer hoje ao encontro combinado. Explicarei em carta. Sempre tua. *Fulaninha.*"

E o homem que ama, o homem que recebe o telegramma espera, confiante, a carta promettida...

Um escriptor que observa e descreve aos outros o espectaculo da vida assim desenvolve o seu raciocinio:

"Os telegrammas têm algo de caixa de surpreza. Chegam de improviso e fóra d'hora. E' inutil que as pessôas abastadas façam delle uso para communicar noticias sem importancia. O verdadeiro telegramma traz uma grande alegria ou uma grande tristeza. Por isso, depois de abertos, parecem querer nos estreitar com os seus braços verdes ou azues, com os seus braços tremulos de prazer ou de dôr. A architectura dos telegrammas faz pensar no doce sentimentalismo dos poetas telegraphicos." Porque assim pensam, os escriptores sabem que as cartas annunciadas por telegramma nunca chegam a ser escriptas. E não esperam nem as cartas, nem as mulheres que passam telegrammas promettendo explicações para o dia seguinte...

Entretanto, quem não observa nem escreve póde aprender muita coisa util no *sport* dos livros.

Quando mais não seja, a não acreditar nas mulheres...

THEATRO MUNICIPAL

A fina sociedade do Rio celebrou, como um puro regalo espiritual, os concertos da Orchestra Philarmonica, realizados no primeiro theatro da cidade.

As figuras mais representativas do *grand monde* lá estiveram, completando o exito artistico da temporada official com o prestigio da sua elegancia.

A sala de espectaculos do Municipal regorgitou. Em rapida inspecção, vi: sr. e sra. David de Sanson; sr. e sra. Murtinho Nobre; embaixador e embaixatriz do Chile; sr. e sra. Carlos Guinle; sr. e sra. Sergio Silva; sr. e sra. Gabriel Bernardes; sr. e senhora Francisco Pedro Carneiro da Cunha; senhorita Getulio dos Santos; sr. e sra. e filha José Barbosa Rodrigues; senhora Almeida Rabello; sra. Augusta Fogliani; sr. e senhora Aroldo Graça Couto; sra. Santos Lobo; sr. e sra. Octavio Bevilaqua; senhoritas Odyla de Oliveira e Adrienne Roujon; sr. e sra. Epitacio Pessôa; sra. Laurita Pessôa Gabaglia; o sr. Ministro da Allemanha; a Baroneza de Bomfim; sra. Sophia de Albuquerque; sra. Alice Flexa Ribeiro, etc.

* * *

Fôram noites memoraveis de arte verdadeira, de arte ungida de devoção e amor. O 8.º concerto de assignatura obteve uma consagração. E a Burle Max, a quem se deve a sua realização, pelo que tem feito, como incomparavel força organizadora, ouvi enthusiasticos louvores. Graças a elle, temos aqui Felix Weingartner e esse maravilhoso temperamento artistico, que é Carmen Studer.

* * *

Entre "Ressurreição", por Weingartner, sob a regencia de Burle Marx, e a "Symphonia em dó maior", de Mozart, aproximei-me de um grupo, que estava á espectativa de "Leonora", em que se ia encerrar a noite.

Estavam, elegantissimas, a senhora Raul Araujo Maia, a senhorita Laura de La-Rocque Rodrigues, que representa o talento e a cultura de seu illustre pae, a senhorita Getulio dos Santos e a senhora F. P. Carneiro da Cunha, cujo digno esposo no momento proclamava, com a sua reconhecida autoridade os meritos artisticos dos grandes valores em apreço.

* * *

Exprimia-se assim o nobre jurista: "O Municipal ouviu religiosamente Weingartner, que encontrou, desta vez, entre nós, uma orchestra capaz de corresponder á elevação de sua arte, sem comprometter a sua fama universal de melhor interprete de Beethoven. E para nossa maior fortuna, trouxe-nos a grande artista Carmen Studer, sua esposa, sua discipula e um prolongamento de sua personalidade."

* * *

A's ultimas palmas, que coroaram a interpretação magistral de "Leonora", o Municipal parecia um recanto do Olympo, em plena irradiação da gloria immarcessivel dos deuses eternos, criadores da Harmonia e da Belleza.

DEPOIS DO ESPECTACULO

MEIA NOITE. A Cinelandia já encerrou os programmas do dia. Antes mesmo das 24 horas. Começam, entretanto, a chegar á Americana os elegantes, que vêm da ultima sessão do Casino. A sala da sorveteria enche-se depressa. Lá estão: a senhora Raul Araujo Maia, a senhora Benjamin Lima, a senhora Luiz Bezerra Cavalcanti, a escriptora Ernesta von Weber, a senhora Mirabeau Uchôa, as senhoritas Costa Lima, a senhora José de Freitas Bastos.

SONHO

ACCORDEI na noite escura com os olhos ainda illuminados pelo milagre do sonho, que nelles accendeu todos os fogos da esperança. Sonhei que o mundo se transformára de repente e que a mim o novo Senhor de todas as coisas promettêra o sceptro da felicidade.

Nosso encontro se dêra numa serena estancia de recolhimento, uma região de bemaventurança, como um paraiso.

O Summo Senhor do mundo renascido disséra-me em tom amoroso, cheio de uncção misericordiosa:

— Dar-te-ei tudo: Riqueza, fama, bem-estar. Serás o homem mais poderoso. Nada te faltará. Nem saúde, nem dinheiro, nem gloria. Que mais queres?

Assim falando, o dôce mago sorriu, com um infi-

Minha mesa é vizinha de outra, onde vieram sentar-se tres lindissimas raparigas. Serão paulistas? Não são cariocas. Falta-lhes qualquer coisa, que só as cariocas possuem. Espio-as. Não ouvi o que pediram ao garçon. Mas adivinhei. Iam tomar sorvete, apesar do frio. São paulistas, sim. Si fossem cariocas, ha muito teriam visto como eu as observava. E sahiram sem tomar conhecimento da minha existencia. Mais do que isso: da minha vizinhança e do meu interesse pelo seu desinteresse...

• • •

Saio tambem. A' porta, vejo a poetisa Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça, que vae, acompanhada dos seus, tomar o seu carro. Faz frio. E eu me lembro dos versos da poetisa, "por uma tarde fria"... Caminho da madrugada, o que não sentiria ella se visse, tiritando, uma creancinha ao abandono?

• • •

NOITE DO CASINO

REBRILHANTE o Casino de Copacabana. No Grill room, não havia um logar disponivel. As danças estavam animadissimas. E nos salões de jogo, o aspecto era um charme, verdadeiramente cinematographico. Fiquei de espreita, num cantinho, entre duas fumaçadas do meu charuto e os castellos da minha imaginação. Uma vez por outra, pensava que ia ver Norma Shearer, á roleta. E á passagem d'uma esquisita personagem internacional identifiquei no meu sonho montecarleano a figura irresistivel da Zazú Pits...

• • •

Positivamente, não me convinha continuar alli. Voltei ao grill. A orchestra tocava um tango maravilhoso. E na meia penumbra, com que se convencionou augmentar a dolencia dos tangos, vi dançando a elegancia do Rio. O salão apresentava: Sra. Aureliano Amaral, sra. Oscar da Costa, sra. Nestor Ascoli, sra. Oswaldo Rosado, sra. Alice Gibson, sra. Waldemar Bandeira, sra. Pellegrino Junior, sra. Armindo Rangel, sra. Amaryllio de Noronha, senhoritas Uka e Zuleika Lintz; sra. Luiz Lago Muniz Freire, sra. Carlos Guinle, sras. Ipanema Moreira, etc.

UMA SALA DE CONFERENCIA

DESDE a sua primeira conferencia na Academia que o nosso eminente hospede sr. Habib Estefano, notavel orador libanez, vem attrahindo com a sua eloquencia um numeroso publico. Na Escola de Bellas Artes e a seguir no Theatro Phenix, o grande artista e philosopho pronunciou, em purissimo hespanhol, brilhantissimas conferencias. A assistencia assignala a presença das figuras intellectuaes mais em evidencia no Rio, bem como da intelligente e laboriosa colonia syrio-libaneza.

Foram estrepitosos os applausos recebidos pelo admiravel orador, cuja elegancia de estylo se completa com os menores detalhes da difficil e seductora arte tribunicia.

• • •

Ao concluir a sua ultima conferencia da semana passada no Phenix, o impressionante orador foi alvejado por uma chuva de petalas de rosas. O theatro regorgitou para ouvir, depois de "El Concepto artistico de la vida", "O Glorio da dor". Vi, de relance, nas frisas e nos camarotes: sra. Raul Leite, sra. e senhoritas Alfredo Jabor, sra. Jansen Muller, sra. e sta. Uchôa Cavalcanti, sra. Miguel Ooakim, escriptora Sylvia Patricia, sra. Riskalla Habbib, sra. Adibe Jabor, sta. Aonila, sra. Pedro Succar, sta. Sylvio Romero, stas. Alice e Adelia Abrahão, sra. Dourmillon, sra. Esther Moreira, etc.

nito desejo de me ver contente.

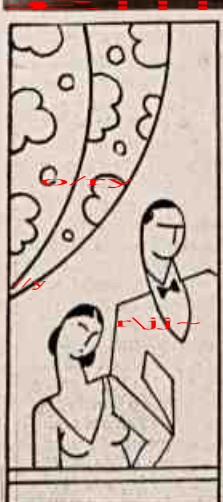
Mas, não me contive e perguntei-lhe:

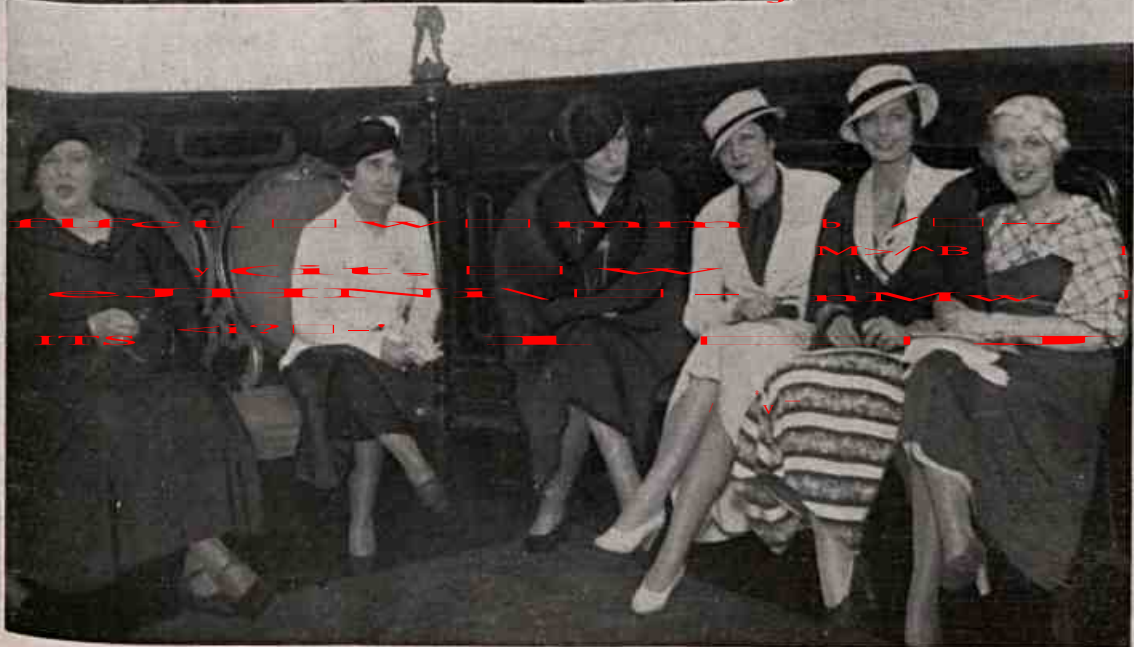
— E o Amor, que não falastes nelle?

O Summo Senhor olhou-me, piedoso, e explicou-me que eu teria de escolher entre aquelles bens e o amor. Uns e o outro é que não seria possivel. Deu-me, então, a experimentar os primeiros.

Fez-me rico, poderoso, cheio de saúde e de gloria. Foi pouca a duração dessa felicidade, cujo supposto sceptro restitui, pedindo que me desse a experimentar o amor, sem mais nada.

E foi assim que, pobrezinho, mas feliz, eu voltei ao Summo Senhor para lhe agradecer o cumprimento da sua promessa. O mundo se resumia para mim na renuncia de todos os bens, pelo unico e verdadeiro bem do meu amor...

LUCIANO

Gants nouveaux noirs en antilope et chenille. (Photo especial para FON-FON)

Festejando a data da independencia do Perú, que passou no dia 28 de Julho, sexta-feira penultima, s. ex. o ministro Ventura Garcia Calderon offereceu, no palacete da legação do paiz amigo, á avenida Oswaldo Cruz, uma recepção ás autoridades brasileiras, ao corpo diplomatico, á imprensa e á nossa alta sociedade.

Philosophia sentimental

MARCOS sentára ao lado do amigo, o escriptor Tulio Sergio, a quem fôra visitar, naquelle domingo luminoso.

Marcos Franco somente viéra para fazer e ouvir confidencias. Ouvir as confidencias de Tulio.

De modo que, este, ao terminar a breve leitura de uma pagina de Marcos, estirou as pernas sobre o divan, fôfo e longo, e falou, com um sorriso um pouco frio:

— Agora, lê esta carta minha. Amor com amor se paga...

Marcos Franco teve um espanto exaggerado e risonho:

— Quê, Tulio? Ainda fazes literatura dessa especie?

— Mas, isso não é literatura. E' uma carta de amor.

— Claro. As cartas sentimentaes — notou Marcos — são a photographia das almas ridiculas e vulgares.

Tulio franziu a testa:

— Sim. Mas é que eu as escrevo e não as levo nunca ao correio.

— Nesse caso, escreves para uso interno... — chasqueou Marcos Franco.

— Ou antes, escrevo para uso domestico...

E, noutro tom:

— Lês ou não lês a carta?

Marcos Franco passeou os olhos vadios pelo papel de linho da missiva.

E começou, em voz alta:

— "Sarita..." Que diabo! Conheço uma pequena, linda, uma moreninha esguia e frágil como um alfinete de crystal... Tem uns olhos côr de peccado e de amor...

— Azues?

— Não... Pretos...

— Ah! — informou Tulio — A minha Sarita é loura como uma taça de champagne... Olhos côr de cinza... *Fausse-maigre*... Como vês, não é a tua Sarita morena... Descança. Não te impressiones. E, afinal, queres ou não queres lêr a carta?

Rindo com bom humor, Marcos Franco reiniciou a leitura.

— "Sarita..., — Ainda não me acostumei á tua ausencia. Quando se ama, em certos casos, é preferivel a morte, ponto final da vida, — a um rompimento de amor — que representa, quasi sempre, dois pontos negros no capitulo que foi interrompido.

"O que fica da morte é a saudade; depois, o esquecimento. E' bem sabido que "les morts vont vite"... Mas o que fica de um rompimento não é, em absoluto, a saudade: é a duvida.

A sra. Heloysa Mastrangioli, uma das mais notaveis cantoras brasileiras, applaudida no Brasil e na Italia; das mais competentes professoras de sua arte, e elemento de destaque do nosso mundo social. D. Heloysa Mastrangioli realizará, amanhã, 6 de agosto, um dos seus raros recitaes, em que serão ouvidas, num programma artisticamente organizado, composições de Haendel, Schubert, Respighi, Santoliquido, Ravel, Perez, Nepomuceno, Villa Lobos e outros autores classicos, romanticos e modernos.

"E todos nós sabemos o que representa a duvida para o amor. Ser ou não ser, eis a questão — como está nas incertezas do monologo do principe da Dinamarca. Cada dia que passa, não é bastante para fazer esquecer a quem se amou e se perdeu de repente; mas, é sufficiente para levar a uma esperança, que bem póde ser uma surpreza. Surpreza bôa ou má. Em todo caso — surpreza desconcertante. Sim, porque, realmente, depois de um rompimento, tudo que venha ás nossas mãos será uma surpreza violenta.

"E como quero dar força ao meu conceito, peço-te apenas que me permittas dizer-te muito baixinho — já que não sei escrever versos — estes octasyllabos de um poeta argentino — Prats Gill:

"Sólo vivi para adorarte
mujer divina, encantadora.
Sólo sabia idolatrarte
mi corazon, que hoy por ti llora.

Triste como una hermosa aurora
para la noche de mi arte..."

Marcos Franco parou. Fitou o amigo, sorrindo, e declamou, em tom pilherico:

— Não, Tulio, não! Um homem com o teu talento não tem o direito de escrever pieguices desta ordem. E' ridiculo! Tu podes pensar essas vulgaridades mas só no teu gabinete de estudo. Só comtigo mesmo. Porque um homem deve ter pudor de suas idéas, quando estas o tornam ridiculo aos olhos de uma mulher.

E, com outra voz, um tanto grave:

— Que ganharias tu com essa carta? Pensas que valerias mais para a tua Sarita loura como uma taça de champagne? Quando uma mulher ama, póde ter uma razão para isso: mas, quando deixa de amar, ella só encontra esta razão plausivel: "Eu não gosto mais delle". E prompto! E está acabado! Não gosta porque não gosta. Não ha outra razão, não ha outra logica, não ha outro motivo nem raciocinio. Porque, quando ama, ella não quer saber si o homem é santo ou bandido.

E, depois de pedir a Tulio que rasgasse a missiva, Marcos rematou, com melancolia:

— O unico defeito que o homem possue aos olhos de uma mulher só apparece quando ella rompe. E esse defeito é: — ella não gostar mais delle.

Tulio baixou a cabeça, pensativo.

Yves

O chanceller da Inglaterra

Sir John Simon, ministro dos Estrangeiros da Grã-Bretanha e figura de alta relevancia nos circulos politicos da Inglaterra, desembarcou domingo passado nesta capital, sendo recebido no cáes de Mauá pelo chanceller brasileiro, dr. Afranio de Mello Franco, e outros destacados elementos do governo. O eminente estadista inglez, parlamentar e advogado de renome em seu paiz, tendo occupado cargos de destaque na magistratura, realiza uma viagem de recreio, pretendendo demorar-se alguns dias no Brasil, que s. ex. pela segunda vez distingue com sua honrosa visita. Varias homenagens têm sido prestadas, aqui, ao illustre homem publico da Inglaterra, que se vê nesta pagina por occasião de seu desembarque, ainda a bordo do «Arlanza», com sua exma. esposa, e á sahida do palacio do Cattete, depois de ser recebido, segunda-feira á tarde, em audiencia especial, pelo chefe do governo provisorio, dr. Getulio Vargas.

A festejada cantora patricia sra. Rozetta da Costa Pinto, que é uma grande voz do nosso mundo social e artistico, na noite de seu ultimo concerto, realizado, sob os auspicios da Associação Brasileira de Musica, no Instituto Nacional de Musica, quinta-feira penultima, 27 de julho.

Flagrante do enlace nupcial da senhorita Maria Apparecida Machado Guimarães com o sr. Camilo Altilio Filho, celebrado sabbado ultimo, na residencia do illustre cirurgião dr. Francisco Guimarães, irmão da noiva, figura de destaque em nossa sociedade.

OLYCINIAS

"Longe dos olhos, longe do coração" — diz a phrase lyrica de algum poeta que, positivamente, não conheceu o amor.

Porque eu, que vivo longe dos teus olhos, me sinto cada vez mais perto de teu coração, amando-te, saudosamente, da distancia e querendo-te com o mesmo ardor inquieto que os teus beijos marcaram na minha volúpia melancólica.

Longe de ti, meu doce amor impossível, eu vivo, constantemente, ao teu lado, porque meu pensamento acaricia, a toda hora, os teus lindos olhos, que foram, sempre, o maior encanto da minha vida.

A ausência, que dizem mata o amor, não conseguiu ainda extinguir o fogo sagrado que as nossas affinidades sentimentaes accenderam no coração de dois tristes e amargos desilludidos da felicidade...

O America Football Club offereceu, no sabbado passado, uma linda festa de arte aos seus associados, tomando parte no programma as senhoras Iza Queiroz Santos, Marietta Campello Barroso, Carmen Braga Bourguy e Julietta Gomes de Menezes e as senhoritas Carmen de Castello Branco, Mariinha Braga e Eridan de Castello Branco, que se vêem no «clichê».

BOLIVIA

A Bolivia nasceu inteira e armada, como Minerva da cabeça de Jupiter, do pensamento creador de Bolivar, que lhe deu nome, constituição e presidente, escreveu num livro famoso Garcia Calderon. Mas esqueceu de acrescentar que o decreto de agosto de 1825, fundador, na antiga audiencia de Charcas, duma republica autonoma, separada do antigo Vice-Reinado do Perú, não foi obra meramente artificial, porém a resultante natural do anseio de independencia que palpitava na alma do país em embrião. Porque, além da provincia do Alto-Perú e da Audiencia de Charcas, valores positivos do passado em que se firmava a nova creação politica, ainda havia a governação de Nova Toledo concedida a Diogo de Almagro, ponto de partida da existencia nacional que atingia, então, seu pleno desenvolvimento.

O artificialismo da instituição da nova Republica é, assim, aparente. O cerebro de Bolivar correspondeu a uma aspiração existente, quando a creou inteira e armada, na frase do historiador e sociologo peruano. Ela vinha do grande ciclo dos precursores — Almagro, Pizarro, Chavez, Manso, preparada para eullar no dos libertadores — Bolivar, Sucre, Miranda, ao influxo das reações contra a pesada tutela espanhola: economica, fiscal, moral e politica. Com os mesmos defeitos e as mesmas qualidades, ao imperio de circunstancias analogas, diferenciada somente por algumas caracteristicas sociais e mesologicas, a Bolivia se formou e desenvolveu como suas irmãs do continente.

Das mãos do aventureiro e do jesuita passou á dos grandes chefes que desfraldaram do Orenoco ao Prata e por todo o espinhaço dos Andes o estandarte da liberdade. Caíu depois, no ciclo fatal dos caudilhos: vinte anos sob o dominio de Santa Cruz, herdeiro de Alexandre Bolivar e do seu ideal de unificação espano-americana, não sei quantos sob a tirania neroniana de Melgarejo, alguns sob o sonho intelectual de Ballivian ou de Linarez, outros sob o poder organizador de Pando e de Montes, outros ao sabor de lutas estereis e ensanguentadas, numa sucessão de tragedias e revoluções que inspiraram ao pessimismo de Arguedas a obra desconsolada *Pueblo enfermo*.

Por tudo isso, a Bolivia perfeitamente se integra no conceito da evolução politica e social da America espanhola, embora enclausurada no seu massiço central; e continuamente demonstra sua vitalidade na defesa dos seus direitos que vizinhos injustos, turbulentos e irritados querem perturbar. Povoado o antigo Alto-Perú por elementos escolhidos que vinham de Castela em busca do ouro e da prata, que fundaram a famosa e brazonada Vila Imperial de Carlos V, nêles se fundiu, com êles se amalgamou o indigena representante duma antiga, fecunda e superior civilização, a dos Incas. Se ha, pois, nação americana que se possa orgulhar duma ascendencia nobre e duma cultura antiga, essa é a Bolivia, irmã do Perú, provinda da mesma fonte. Nos planaltos bolivianos florescia uma organização social de primeira ordem, enquanto nas selvas da planura e nos pantanos do Paraguai estadeavam tribus inteiramente selvagens.

Despojada injustamente até hoje do seu litoral no Pacifico pelo Chile, encarcerada e sofrendo de quando a quando as convulsões da asfixia, a nobre nação boliviana vê passar o anniversario de sua independencia em luta contra a insidia de outro vizinho, que pretende apoderar-se do Chaco Boreal, sua propriedade insofismavel, juridicamente garantida por quatro seculos de historia, e todos os titulos de dominio e posse.

GUSTAVO BARROSO

Avenida Villazon em La Paz, capital da Bolivia.

O illustre diplomata David Alvestegui, Ministro Plenipotenciario da Bolivia no Rio de Janeiro.

O interventor federal no Estado de Pernambuco, dr. Lima Cavalcanti, que se acha nesta capital, foi homenageado, com um almoço, por um grupo de amigos e admiradores de s. ex. Realizou-se o ágape no salão de honra do Automovel Club do Brasil, e nelle tomaram parte altas personalidades do mundo politico, figuras do governo e outras pessôas gradas.

A ESMOLA DO POETA

Conversavam os tres amigos á mesa de um café, quando entrou a velhinha andrajosa. Tudo nella era miséria, cansaço, desolação. Ao aproximar-se-lhes, ella falou:

— Meus senhores, eu venho mendigar de sua piedade com que me aquecer e saciar minha fome. Porque eu sou uma pobre creatura, tão pobre que não sei como ainda não morri de fome e de frio. Chamo-me Dolores, mas já tive outro nome, um nome tão bonito!, um nome que era como uma canção ou um repicar de sinos. Faz isso muito tempo já, tanto, tanto tempo...

E, a uma palavra de sympathia dos rapazes, a mendiga proseguiu:

— Ah, os ricos e felizes ignoram quanto são consoladoras e beneficas, a nós desgraçados, algumas palavras de conforto e de carinho. Eu vivo ao Deus dará, ao sol e á chuva, e não possúo ninguém mais no mundo: perdi minha mãe, perdi meus filhos... Tenham pena de mim, meus bons senhores! Deem-me com que matar a fome e cobrir o corpo andrajoso e friorento! E creiam-me: o frio de minha alma é bem maior que o frio de meu corpo...

Emquanto os dois amigos, commovidos, davam algumas moedas á velhinha, o terceiro, que era poeta e tinha os bolsos vazios, tomando-lhe as mãos tremulas nas suas, encheu-as de beijo... — Regina Rizzeri.

Os jovens universitários da Caravana de Acadêmicos de Direito do Paraná que ora nos visita foram recebidos sabbado ultimo pelos seus conterraneos do Centro Paranaense, onde os saudou a voz eloqüente do illustre poeta Leoncio Correia. Nosso «clichê» focaliza um aspecto dessa recepção, vendo-se, ahi, além de figuras destacadas da colônia paranaense, todos os componentes da Caravana, que são os acadêmicos Hercules de Macedo Rocha, Manoel de Oliveira Franco Sobrinho, Abeilard Pereira Gomes, Renato Rocha, Joaquim Floriano Toledo Netto, Juvenal da Silva Marques, Ruy Cunha, Joaquim Loureiro, Ildefonso Costa Lobo e Abrão Huck.

UM ACTO DE JUSTIÇA

MARIO POPPE, nosso querido companheiro de trabalho e escriptor de relevo, com larga e expressiva projecção nos circulos da actividade mental e cultural do paiz, vem de receber, como alto e competente funccionario publico, que é, justo e merecido premio. Exercendo, ha muitos annos, sua fecunda e util actividade no Ministerio da Agricultura, o illustre escriptor de "A Cidade do Amor", de "A Mulher que Mata" e outros livros, que tanto lhe recommendam a intelligencia e a cultura, foi promovido sabbado ultimo, por merecimento, a chefe de secção da Directoria de Expediente e Contabilidade daquelle importante departamento de serviço publico nacional. Esse acto do chefe do governo provisorio, referendado pelo titular daquella pasta, major Juarez Tavora, foi recebido pelos companheiros de Mario Poppe naquelle Ministerio com expressivas manifestações de jubilo. E, tambem, fóra daquelle ambiente burocratico, onde o illustre funccionario é queridissimo, repercutiu gratamente a noticia daquelle acto do governo da Republica. Numerosos telegrammas e cartas de felicitações foram dirigidos ao distincto escriptor que, nesta redacção, teve, tambem, no abraço amigo e affectuoso de seus collegas, uma commovida e sincera manifestação de "corpo presente", sem discursos, sem solennidade, mas cheia do coração de quantos no convivio desta casa se habituaram a querel-o e admiral-o.

O nosso companheiro Mario Poppe.

Dois flagrantes da solennidade inaugural da nova séde da Acção Integralista Brasileira em Nictheroy, ha dias realizada sob a presidencia do chefe integralista Plinio Salgado, que foi um dos oradores da cerimonia. Falaram ainda os drs. Gustavo Barroso, presidente da Academia Brasileira de Letras, e Santiago Dantas.

O PASSADO

EM 1918, quando cessavam as hostilidades da Guerra Européa, começava um romance de amor que não devia ter grande influencia nos destinos do mundo, mas representava um dos mais bellos capítulos da historia do coração.

Numa cidade tranquilla de Pernambuco, onde a civilização entrára apenas com um pouco de bôa vontade, conheceram-se, por acaso, Luiz de Andrade e Antoniêta Vieira, ambos jovens e intelligentes, ambos cheios de illusão e de confiança na vida. A moça nascêra ali mesmo, e ali mesmo esperava o seu príncipe com a ingenuidade dos seus quinze annos desabrochando em formosura tropical. Era uma figura imponente de mulher. Já naquella idade em que muitas não passam de creanças tentadas ainda pela fascinação dos brinquedos. Alumna da Escola Normal, gostava de estudar e fazia, sempre, os melhores exames de sua turma. Causava inveja ás collegas menos intelligentes e tinha a sympathia commovida dos professores. Que lindo coração possuia Antoniêta! Lindo como o seu espirito e como os seus olhos de brilhos melancólicos. Lindo como a sua alma feita de delicadeza e emoção. Lindo como a sua belleza pessoal e a sua graça esplendente.

Tudo, nessa doce filha do norte, encantava: a côr do cabello, o sorriso de ternura, os gestos mansos, a simplicidade, a educação. E, como era luminosamente bonita, essas qualidades avultavam, multiplicando-se em outras seducções que bem poderiam trazer-lhe a felicidade, si esta não fosse tão caprichosa nas suas preferencias.

Luiz de Andrade chegou á cidade de Antoniêta para se incorporar no batalhão do exercito, como voluntario. Ha uma série de coincidências na vida dos homens, e das mulheres, que parece querer torcer a marcha do destino. Entretanto, o destino é que forja tudo isso, mathematicamente, para construir e destruir as suas obras.

Antoniêta, que já tinha visto Luiz, na rua, acompanhando-a, enternecidamente, com o olhar, foi encontrál-o, uma noite, na casa de sua tia Amélia Vieira, uma senhora viuva, rica, bonissima, que sabia ler o destino na palma das mãos. Alli se tornaram dois amiguinhos que se comprehendiam no modo de falar, na maneira de sorrir, na expressão ingênua dos olhos... Com dezoito annos apenas, Luiz facilmente se deixaria dominar por mais uma paixão. A terceira ou a quarta de sua vida... A ultima fôra uma "prima que o não comprehendêra, e a quem elle conseguira esquecer depois de não poucos esforços.

Mas Antoniêta era uma paixão maior, que o dominou, por isso, logo no primeiro instante.

O rapaz, sertanejo moreno e tambem intelligente, impressionava bem. E conseguiu apaixonar a formosa normalista.

Foi quando nasceu o romance dos dois. Novembro estava no fim. O verão pernambucano causticava, com o seu sol e o seu calor, a cidade banhada pelos mares do nordeste. Luiz não se sentiu com coragem de falar pessoalmente a Antoniêta, do seu amor. Era timido ainda, apesar de já ter amado. Escreveu, então, longa carta á suave creatura que o deslumbrára e inquietára o seu macio coração de sentimental. Dizia-lhe, em phrases sonoras, que ella o impressionára profundamente, desde que a vira, uma vez, sahindo da Escola Normal, tão linda e tão fidalga no seu porte de princeza. Olhára-a como se olha uma santa. Depois, a surprehendêra rezando, contricta, na igreja da praça onde ella morava. Ficára louco de paixão. Só pensava nella. Acordado ou dormindo, a sua figura de sonho não lhe sahia do espirito adolescente. Mas não apreciava nella apenas a belleza physica: também as suas virtudes haviam concorrido para crear aquella paixão, e tornál-a maior dentro do pequenino mundo em que viviam.

Confessava-lhe toda a sinceridade do seu affecto impetuoso e pedia-lhe que lhe désse uma resposta, para matar a sua incerteza.

Antoniêta não demorou em satisfazer á impaciência amorosa de Luiz. Marcou um encontro com elle na casa da tia, e disse-lhe, em duas palavras trêmulas, que também gostava delle...

Tornaram-se noivos e viveram dias luminosos de esperança e ternura. Diariamente, Luiz ia á casa de Antoniêta, e bebia a felicidade nos olhos tristes da moça. Passeavam juntos, olhavam, juntos, o mar, e juntos contemplavam a agonia do crepúsculo...

— Quando você fôr minha, Antoniêta — dizia o rapaz, uma tarde, no jardim da praça, — eu possuirei a sua sensibilidade e os seus anseios... Possuirei todos os seus sonhos e todos os seus desejos...

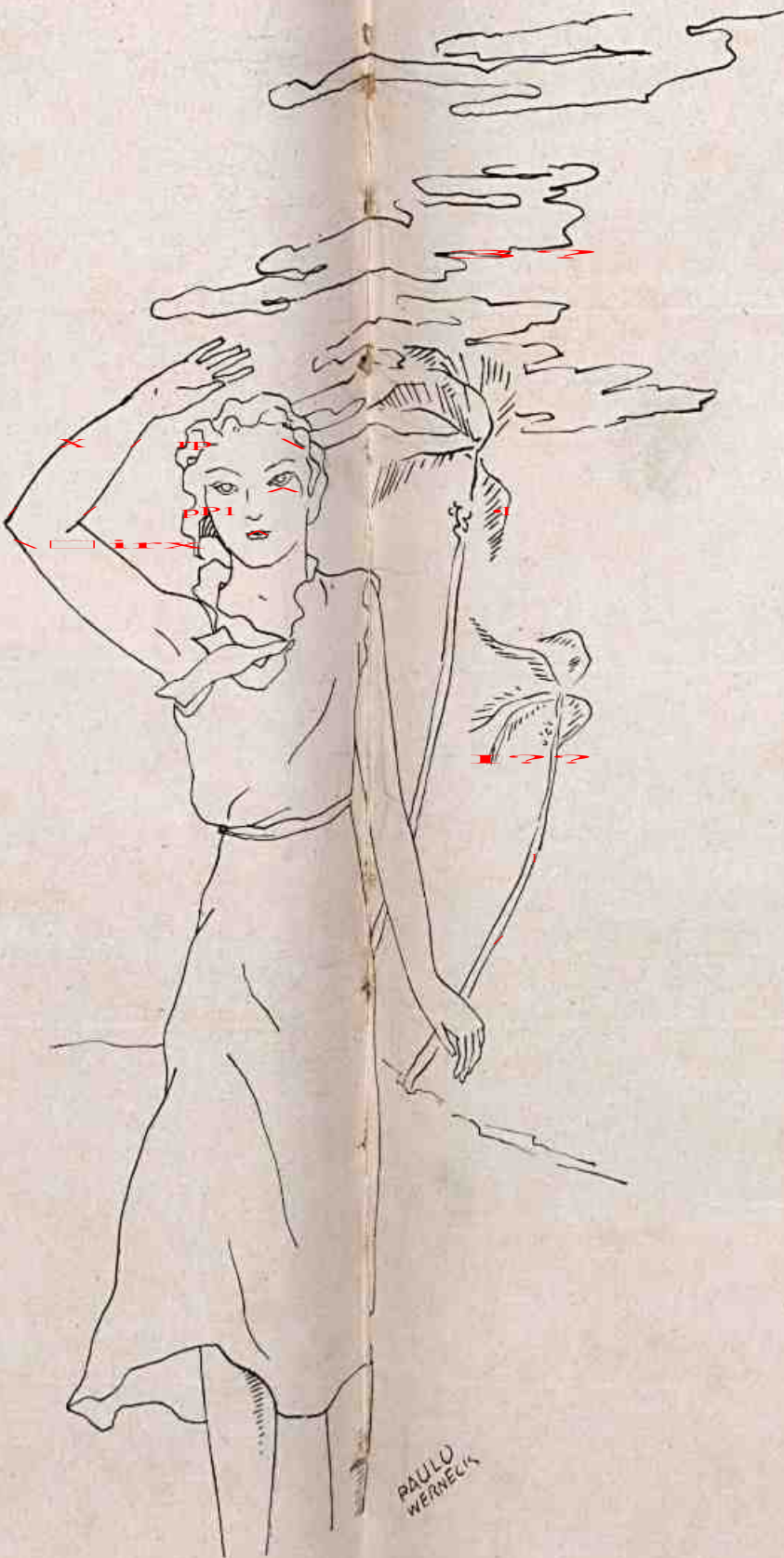
— Construiremos sobre as nossas affinidades — respondia ella — a mais rutilante ventura de amôr...

E ficavam assim longas horas sonhando a doce mentira da esperança.

* * *

LUIZ DE ANDRADE, depois de terminar o seu serviço militar, deixou Pernambuco, e seguiu para o Rio de Janeiro a serviço do jornal onde trabalhava desde que conhecêra Antoniêta.

Foi no mez de junho de 1919. Antoniêta fôra passar as férias na fazenda do avô, a trez horas da cidade do seu amor. O noivo não se esqueceu de ir levar-lhe o seu adeus. Tomou o trem, dois dias antes da partida, e chegou á fazenda sem ser esperado.

Quando annunciou a Antoniêta o fim de sua visita imprevista, a moça entristeceu e chorou amargamente, porque não comprehendia nem acceitava uma separação assim, quasi ainda no começo de seu noivado. Mas era tudo o que podia fazer como um protesto inútil contra aquella implacavel decisão do destino. A viagem já estava marcada, e dentro de três dias o seu adorado Luiz partiria para longe, para bem longe do seu coração e da sua melancolia.

E, sem deixar de chorar, e sem deixar de ser triste, de ser triste e linda, Antoniêta assistiu, numa tarde de sol, ao embarque de Luiz, de regresso á cidade, para não vêl-o mais quando ali estivesse, concluídas as férias.

O trem apitou tristemente, gemendo, gemendo, e levou o noivo de Antoniêta, deixando-a com os olhos húmidos de pranto e um lenço branco na mão direita. Um lenço branco no aceno doloroso da despedida...

* * *

NO dia 28 de junho de 1919, o joven ex-voluntario do 27º. Batalhão de Caçadores, e correspondente do diário *A Voz* na capital da Republica, chegava ao Rio de Janeiro, após nove dias de viagem a bordo do *Cuyabá*, do Lloyd Brasileiro.

Durante toda a travessia o rapaz não esqueceu um só instante a sua Antoniêta. Em cada porto de escala, botava no correio uma cartinha saudosa para ella. Repetia-lhe, em palavras adoçadas de sentimentalismo e poesia, os mesmos juramentos que sempre lhe fizéra em oito mezes de enlêvo.

E nas cartas que depois lhe escreveu reaffirmou-lhe um amor capaz de resistir a todas as tormentas do coração.

"Estou desolado, minha querida Antoniêta — dizia uma das cartas do rapaz. — Longe de você, eu não acho o menor encanto na vida. Ando sempre triste, sempre amargo, sempre angustiado. Sinto uma saudade immensa dos seus olhos, da sua voz, da sua graça envolvente. E só penso no dia em que terei a grande ventura de voltar para junto de você, mais integrado na sua fascinação e mais profundamente convencido de que fomos feitos um para o outro."

Antoniêta lia enternecida as missivas de Luiz, cuja intelligencia se enriquecia de novos conhecimentos e de maior experiencia no tumulto da metropole.

Até que, um dia, uns olhos negros como a noite do sertão desencadearam, no coração do rapaz, uma tempestade que, positivamente, abalou o amor puro e simples que ali tinha poisada.

Luiz, apaixonado, foi esquecendo o compromisso sentimental que trouxéra do norte e chegou, na sua inquietação, a deixar de escrever a Antoniêta, que, afinal, comprehendeu a sua condição de abandonada. Desilludiu-se. O seu primeiro amôr fôra, também, o seu primeiro desengano. Mas, desde que era preciso confortar-se, ella o faria. Não seria ella a única a soffrer a dôr da ingratidão.

Ingratidão?... Mas poderia ser chamado de ingratidão o procedimento de Luiz? Elle teria sido mal por vontade própria, ou agira na inconsciencia de uma nova paixão? Em amor, os homens, como as mulheres, nunca podem ser responsabilizados pelos seus actos. E depois Luiz estava longe della, e a separação é uma inimiga terrível dos que se amam. Antoniêta lembrava-se de um pensamento de Mirabeau: "As curtas ausências avivam o amor, emquanto que as longas só servem para extinguil-o." Talvez fosse verdade o conceito francez. Mas ella não queria acreditar que Luiz a tivesse esquecido. Não queria acreditar que Luiz tivesse deixado de amál-a. Elle apenas fôra victima de uma paixão maior, ou pelo menos mais violenta. Assim, Antoniêta deu razão e perdôou ao noivo ingrato. Qual a mulher que, amando, não perdôa?

* * *

EM 1928, quando Luiz de Andrade voltou á cidade pernambucana onde um coração de mulher ficára indefinidamente á espera de seu coração insatisfeito, ainda ali encontrou a mesma Antoniêta de 1919, fascinante e luminosa, apenas um pouco mais torturada pelos desenganos e um pouco mais desalentada e dolorosa.

O acaso, cúmplice do destino, collocou-os um deante do outro, numa sala pequena onde havia algumas pessôas indifferentes áquellas duas almas, áquellas duas sensibilidades estranguladas pelo amôr. Já o impossivel os separava no mundo dos preconceitos sociaes.

Luiz cumprimentou sua antiga paixão e baixou os olhos, como si quizesse fugir da fascinação daquella mulher a quem abandonára sem esquecer, a quem mentira sem deixar de amar. E o passado, que é tudo no nosso tumulto interior, o passado resurgiu ali, cheio dos mesmos sustos, das mesmas inquietações, das mesmas esperanças afflictas, das mesmas illusões e das mesmas incertezas.

Luiz evocou, silenciosamente, perto de Antoniêta, os seus dias felizes de soldado, quando recebia do seu grande amor o tributo de uma dedicação que não soube pagar. Culpou a sorte pelo desfecho do seu romance. E recordou, então, o que ouvira, certa vez, dos lábios sentenciosos da tia de Antoniêta:

— Você não se casará com Antoniêta.

Segurando-lhe a mão esquerda, a viuva Amélia Vieira continuou:

— Aqui está a sua linha do coração. E' bem differente da de sua noiva. E duvido muito que falhe esta previsão. Conheço muitos casos identicos que acabaram obedecendo á lei da fatalidade.

Incrédulo, elle divertia-se com a affirmação da tia de Antoniêta respondendo-lhe que havia de vencer o destino.

Mas não vencêra. A prova estava no irremediável que os separava, distanciando-os na vibração do amor.

Que restava do sentimento antigo? As ruínas da esperança e Antoniêta ainda solteira e ainda bonita.

Alli estava, pertinho delle, palpitante e sereno, o seu passado. Antoniêta não era, para elle, somente a mulher a quem amára, a mulher a quem entregára uma parte vertiginosa da sua pobre existencia. Não era só o seu sonho desfeito, a sua fascinação, o seu remorso, a sua inspiração, e o seu grande amor impossivel. Era, mais do que tudo, o seu passado, o seu glorioso passado, que havia de illuminar sempre o seu presente...

MARTINS CAPISTRANO

Caverna de Ali Babá

Hildebrando de Lima é um nome que se vem projectando com especial relêvo no scenario da vida literaria do paiz. Com «Marés de Amôr» — admiravel collectanea de contos regionalistas — revelou-se, victoriosamente, essa impressiva organização de escriptor, de personalidade, hoje, bem affirmada nos circulos da actividade intellectual da nova geração brasileira. Premiando e estimulando o trabalho e o esforço dessa intelligencia vigorosa e moça, a Academia Brasileira de Letras conferiu, recentemente, a «Marés de Amôr», expressiva menção honrosa, tendo sido muito cumprimentado, por esse motivo, o jovem e brilhante escriptor alagoano.

JESUS-CHRISTO-REI

Sentado na sedia do Pretorio, Pilatos indagou do propheta vestido de branco:

— Tu es rex judaerum?

A voz mansa do accusado pergunta se elle diz aquillo de moto proprio ou soprado por outros. O romano replica que não é judeu e que os judeus o trouxeram e o accusam. Jesus esclarece que seu reino não é deste mundo. E' o magistrado imperial conclue por nova indagação:

— Ergo rex es tu?

E Jesus confirma serenamente:

— Tu o disseste, porque eu sou rei.

Foi essa clara affirmativa que deu ao pretor motivo para pregar no topo da cruz aquellas iniciaes traçadas após a sentença: I. N. R. I. Jesus Nazareno, Rei dos Judeus, que recusou retirar ante a reclamação sacerdotal; e aos soldados para a burla cruel de lhe vestirem o saio vermelho dum delles como muito de purpura, de lhe metterem entre as mãos emaciadas o sceptro de canna selvagem e de lhe porem sobre a cabeça a corôa de espinheiro. Não se caricatura sinão o que melhor exprime a personalidade. A caricatura da realeza do Christo é uma das provas de sua existência.

Comquanto desde antes da vinda do Messias e desde os primordios da Igreja se soubesse da realeza de Jesus, ella não fôra proclamada pela palavra dos pontifices nem gravadas na arte christã. Talvez porque essa arte tenha nascido fóra da Igreja e fóra della se desenvolvido, somente nella penetrando muitos seculos depois. As razões naturaes, lógicas dá Brehier no primeiro capitulo do seu optimo livro L'art chrétien:" L'art chrétien est né en dehors de l'Eglise et á l'origine tout au moins, s'est developpé contre son gré. Le christianisme, issu du judaisme, était naturellement, comme la religion dont il sortait, hostile á toute idolátrie. L'aversion pour les idoles, et par suite pour tout l'art païen, suffisait á faire reconnaitre un chrétien ou un juif. La question d'un art réligieux ne pouvait même pas se poser dans la societé, á l'organisation trés simple, qu'était l'église primitive. La liturgie était celebrée dans des maisons particuliéres et, s'il est vrai que des édifices spécialement destinés au culte furent levés avant Constantin, ce n'ést guére qu'au IIIe siécle qu'on peut en constatar l'existence."

Entretanto, no mosaico absidal da igreja de Santa Prudência de Roma, que data do seculo IVº da éra christã, o Christo apparece deante de Jerusalem Celeste, de majestosas barbas, togado de damasco abrochado de ouro, sentado no throno e, com um gesto de soberano, promulgando aos apostolos o novo codigo da fé. Duas figuras lateraes, allegoricas, a Igreja Judaica e a Igreja dos Pagãos, offerecem-lhe a corôa real. E' decerto o primeiro Christo Rei da iconographia christã. E Byzancio reconheceria mais tarde nelle o distribuidor, o outorgador da majestade imperial, de onde dimanou no correr dos séculos o direito divino do absolutismo. Um marfim byzantino do século XI, conservado no Gabinete de Medalhas de Paris, mostra-nos Jesus revestindo dos attributos do poder imperial, como fonte de onde o mesmo se origina, o imperador Romano IV e a imperatriz Eudoxia. No século XVI nos afrescos do mosteiro de Smolensk estudados por Kondakov, o Christo reveste-se com a chlamyde imperial byzantina e traz á cabeça a corôa fechada dos antigos autocratas. No occidente, elle fôra definitivamente coroado mais cedo do que essa data. O museu do Louvre guarda um esmalte de Limoges do século XIII, em que o Senhor crucificado ostenta já a corôa real.

Assim, tradição, historia, culto e arte justificam a moderna commemoração de Jesus-Christo-Rei.

Sésamo

Tem despertado grande interesse nos circulos intellectuaes a presença, nesta capital, do notavel orador libanez, dr. Habib Estefano, cujas conferencias sobre themas literarios e philosophicos veem attrahindo um culto e numeroso auditorio. O dr. Habib Estefano possúe, além dos excepcionaes recursos de consummado tribuno, uma profunda illustração e um apurado sentimento esthetico, o que lhe attribue as responsabilidades de grande pensador e artista. As conferencias do eminente homem de letras e professor libanez se têm realizado na Academia de Letras, na Escola Nacional de Bellas Artes e no Theatro Phenix. O dr. Habib Estefano fala em purissimo hespanhol.

A nobre e elegante sociedade do Automovel Club do Brasil reuniu-se, no ultimo sabbado, para uma de suas festas mais lindas. Foi, na realidade, uma encantadora vesperal dançante essa, que o fidalgo club da rua do Passeio proporcionou á «élite» social carioca.

REQUIEM...

FAZ um anno que nos vimos pela ultima vez, um anno que nos separámos, um anno que o caminho único, que era o nosso, se abriu em dois deante de nós. E' um anno tambem que eu comecei a ser differente e a me tornar a mulher que hoje sou. Por culpa de meu amor perdido, por culpa de teu orgulho indomável, por culpa de uma comprehensão maior da vida, que accendeu em mim revolta, descrença, desencanto.

Si voltasses, volvido todo esse amor de amarguras secretas, de tristezas irremediáveis, de dôres recalcadas abrolhando em sorrisos que crystallizam lagrimas, tu, que outr'ora, de longe, entre todas me reconhecias, não serias capaz de descobrir-me, tanto eu mudei. Debalde procurarias em mim aquelle deslumbrado êxtase que me transfigurava deante de tua adoração; aquelle doce alvoroço que transluzia em scintillas nos meus olhos e em risos na minha bôcca; aquella ingênua confiança no sonho, aquella crença enorme na vida, aquella impaciência tão grande de ser feliz. Debalde.

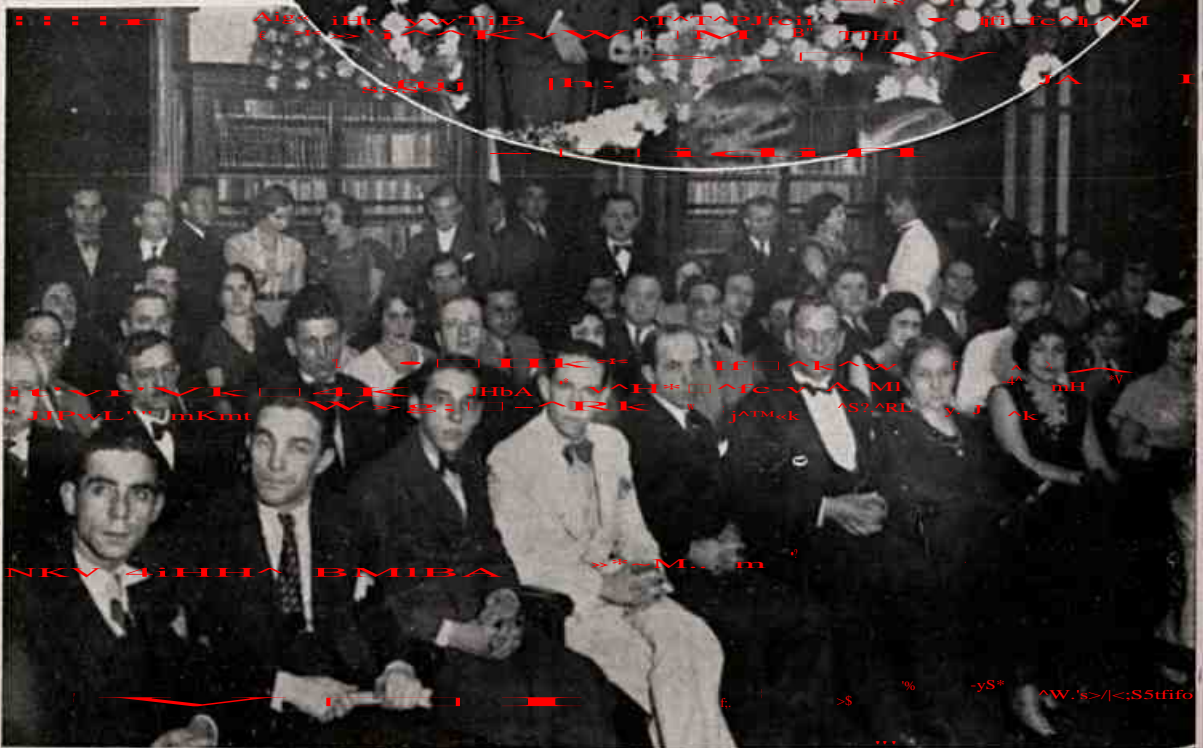
Os trezentos e sessenta e cinco dias que rolaram fizeram-se como avalanche cruel descendo sobre tudo isto e tudo, acobertando de uma espessa camada de gelo e de neve. E tudo o que era vibração ensurdeceu e tudo que era promessa em promessa ficou.

O passado, querido, não tem mais nenhum vestígio exterior, que todo o recolheu o meu coração. Pensa na ineffavel ternura com que as madonnas raphaelinas sustem nos braços o seu menino. Assim eu embalo o meu thesouro — a tua saudade, a tua lembrança, o que me resta de ti — o que me resta...

Aquella noite de julho, escura, tempestuosa, horrivel, em que, pela ultima vez, nos vimos, foi uma verdadeira noite de funeral a que assisti sem uma lagrima, sem uma queixa, sem um gesto, com essa serenidade tragica, fechada em silencio, que dá a fatalidade do fim e a presciencia de um destino.

Naquella noite de julho, cheia de chuva, batida de vento, sinistramente illuminada de relampagos, eu te perdi e eu morri.

Nem somente é morte a desintegração da matéria. Prova-o que nós ambos, moços e cheios de [illegible] existimos [illegible] deante de [illegible] abriu [illegible]

O 25.º anniversario da União dos Empregados do Commercio foi commemorado no ultimo sabbado, 29 de julho, com uma brilhante solennidade, em que se realizou a posse da nova directoria e do conselho fiscal daquella associação de classe. Terminada essa parte da commemoração de sabbado, a União dos Empregados do Commercio offereceu um baile aos seus associados e ás familias presentes.

João Pessôa

Tiveram a maior pompa as homenagens posthumas ao insigne João Pessôa, commemorativas do 3.° anniversario de sua morte. A commissão encarregada pelo interventor Pedro Ernesto de organizar o programma para as solennidades muito se esforçou para que as mesmas tivessem o relêvo e a imponencia de que é digna a memória do illustre brasileiro. Pela manhã do dia 26 do mez findo, foi rezada uma missa na igreja da Gloria, a qual teve uma concorrencia fóra do commum. A' tarde, realizou-se uma romaria de saudade ao cemiterio de S. João Baptista, na qual tomaram parte altas autoridades do paiz, admiradores e pessoas da familia de João Pessôa. A' beira do tumulo do eminente lutador, falaram sobre o saudoso «leader» liberal vários oradores, entre os quaes o ministro Oswaldo Aranha. A nossa gravura offerece os principaes aspectos da missa e da visitação ao mausoléu de João Pessôa.

Nada Mudou...

De RAUL LELLIS

Eu pensei que tudo mudasse depois que você se foi, mas vejo, admirado, que nada mudou.

O sol continúa radiante, despejando ouro sobre a terra, como estava naquelle dia em que estivemos juntos pela ultima vez. As noites continúam a ser claras, pontilhadas de estrellas, como eram aquellas noites em que eu me recolhia ao meu quarto levando nos ouvidos a musica das suas palavras. O mar é sempre o mesmo, verde e irrequieto, exactamente como estava naquella manhã em que você esteve horas seguidas sentada á amurada baixa do cáes, dizendo-me uma porção de coisas que jamais esqueço. O céo está sempre azul, as montanhas sempre alegres!

E eu acreditava que tudo fosse mudar depois que você se foi...

Lembra-se da alameda onde andámos lado a lado? Eu fui vêl-a. E' a mesma. Os *ficus*, copados como sempre, formam aquella mesma sombra densa que nos protegia, e continuam a deixar cahir sobre o solo os fructinhos meúdos que você, travêssa, gostava de esmagar com os pés. Quando eu lá estive, no ambiente que é o mesmo, experimentava a cada momento a impressão de que a sua figurinha ia surgir atráz de um daquelles troncos, como estava na ultima vez que por lá andámos: com o vestido branco enfeitado de botões vermelhos, cabellos esvoaçando ao vento, o chapéo de palha na mão...

O dr. Floriano de Lemos, que é um nome de destaque na sciencia médica brasileira e um profissional de grande valor, acaba de publicar «Direito de matar e de curar», livro da maior utilidade, pelas duas theses que desenvolve e estuda: «Deve o doente ser tratado, mesmo contra a sua vontade? Póde o médico abreviar a vida do moribundo e do incuravel?» Obra interessante, sob todos os aspectos, pertence á «Bibliotheca Juridica Brasileira», creada pela editor A. Coelho Branco F.º, e consolida ainda mais os méritos reaes do dr. Floriano de Lemos, membro da Academia Nacional de Medicina, antigo livre-docente da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e figura de prestigio em sua classe.

Fui ver, hontem, o velho portão junto ao qual você me condemnou e onde fizemos as nossas despedidas. Nem elle mudou. Lá está, pintado de verde, na rua deserta e cheia de sol, fechando a passagem para o terreno abandonado onde o matto cresce e as latas velhas se juntam aos montes. Na casa ao lado a velha ingleza, de quem você tanto se riu, continúa a fazer *tricot* e a cantar as suas canções gutturaes...

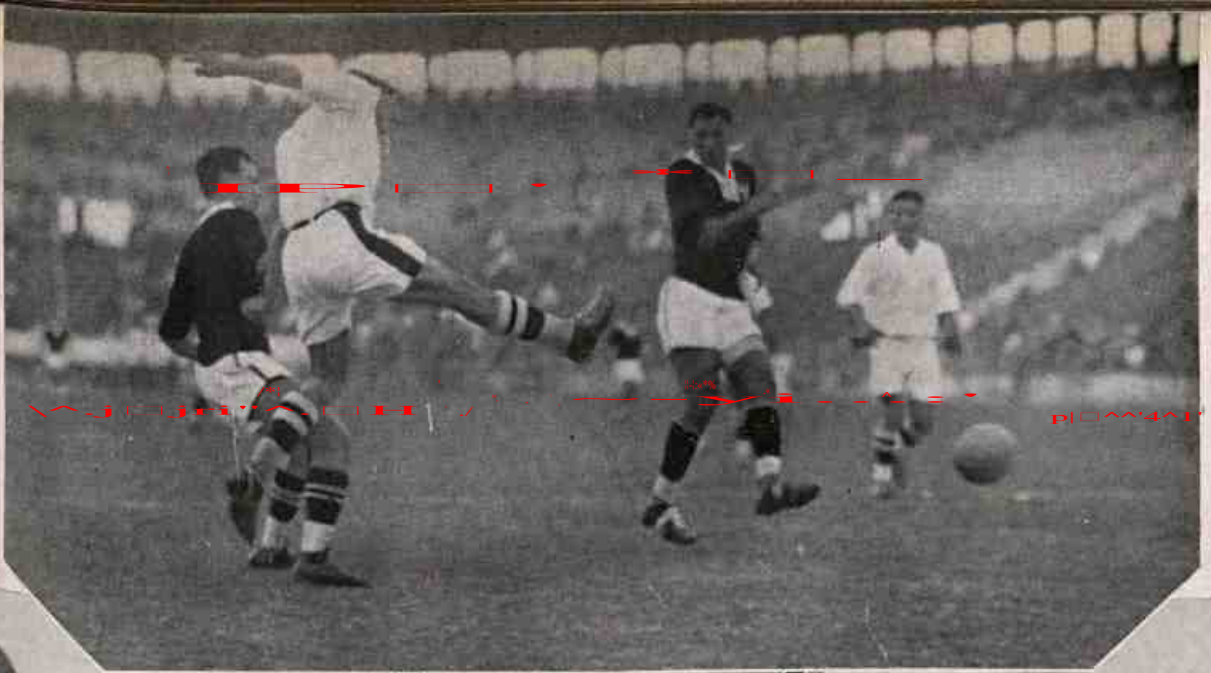
Eu namorei durante muito tempo o velho portão abandonado. Procurei nelle a marca dos seus dedos e das suas costas, reli a inscripção ingenua que deixei, gravada em negro, sobre a tinta verde. Ali conversámos horas interminaveis; ali folheei, para os seus olhos, paginas tristes do livro da minha vida; ali você me disse coisas que nunca esperei ouvir da sua bocca; e a madeira velha poderia, si quizesse falar, repetir muitas das nossas phrases...

Nada mudou!

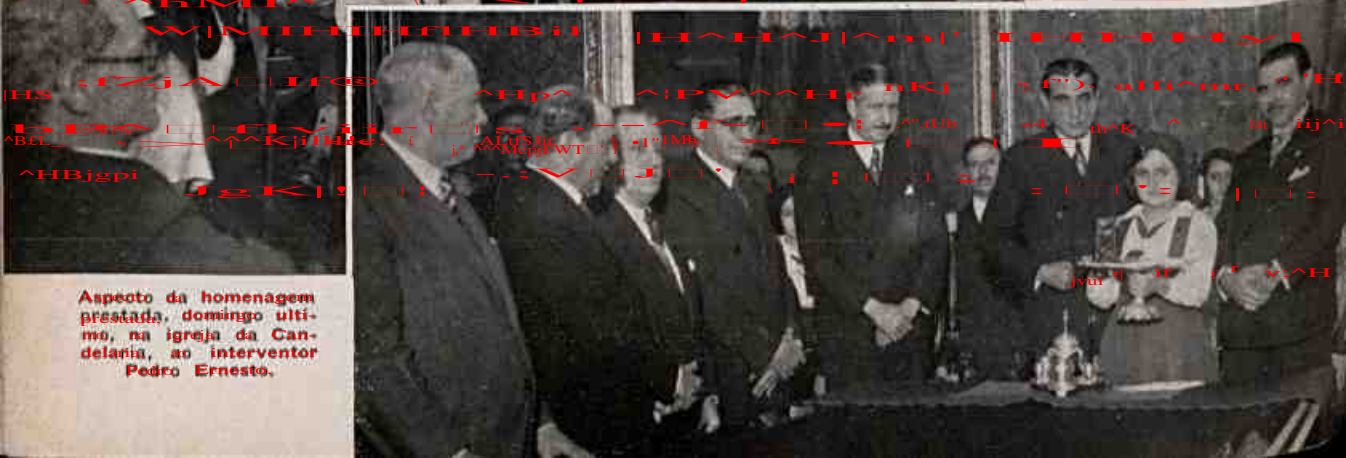
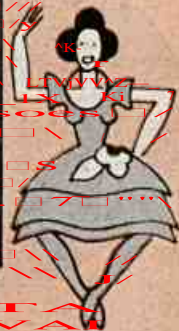
Nem mesmo eu mudei. Parálysei a minha vida no dia em que nos separámos, deixei-me ficar abraçado á saudade e á recordação do passado. Assim, si você voltar um dia, si se resolver a desmentir o "nunca mais" que atirou no meu caminho, encontrará tudo no mesmo: a mesma a alameda dos nossos sonhos, o mesmo o portão nosso amigo, o mesmo o meu coração, que continúa a ver, como um lenço agitado em despedida, o seu vestido branco com botões vermelhos...

(Do livro "Para Você...", a apparecer.)

A nossa literatura didactica acaba de ser enriquecida com uma excellente contribuição: o utilissimo trabalho que, sob o titulo de «Problemas de Quimica» — vem de publicar o dr. Ricardo Rodrigues Vieira, Bacharel em Sciencias e Letras pela Universidade de Paris, diplomado em Chimica pela Sorbonne e pelo Instituto Pasteur da mesma capital, o illustre autor dessa interessante obra didactica é competente inspector federal do ensino secundario nesta cidade, onde tambem exerce com proficiencia o magisterio.

O professor Paulo Reis, em collaboração com sua collega d. Norbertina Gouveia, acaba de publicar um interessante e util trabalho. Prefaciado por uma autoridade em materia de philologia — o professor Arthur Joviano, ex-director da Escola Normal de Bello-Horizonte, o trabalho em questão, sob o titulo de «Methodo Intuitivo de Analyse Syntactica», é, realmente, muito bem organizado e, de certo, prestará optimos serviços não só aos estudantes do curso secundario, mas, tambem, aos professores da lingua portugueza.

Os jogadores paulistas do Santos enfrentaram, domingo passado, no stadio da rua Abilio, os seus collegas do Vasco da Gama num encontro de lances empolgantes como os que apresenta esta pagina.

Um aspecto do embarque do coronel Matheus Martins Noronha, velho e estimado jornalista e honrado director-gerente do Banco dos Funccionarios Publicos, que seguiu para a Europa, sabbado ultimo, a bordo do «Duilio», acompanhado de sua exma. esposa. Compareceram ao seu concorrido bota-fóra, entre outras pessôas gradas, representantes de todas as classes sociaes, o general Espirito Santo Cardoso, ministro da Guerra, e sr. Emilio Sarmento e o deputado Paulo Filho, director do «Correio da Manhã», que se vêem na photographia, ladeando o casal Matheus Martins Noronha. Muito bemquisto e gozando de largo prestigio em nosso meio, o coronel Matheus é um antigo profissional da imprensa, tendo militado com brilho na «Imprensa», ao lado de Alcindo Guanabára, e, posteriormente, no seu jornal «A Republica», onde foi, sempre, um enérgico defensor das causas justas e populares. Coração generoso, caracter nobre, fez innumeros amigos nas suas multiplas actividades. O coronel Matheus Martins Noronha vae ao Velho Mundo aproveitando o periodo de férias e pretende fazer uma estação na Suissa e visitar, depois, a França, a Allemanha, a Italia e Portugal. Seu embarque foi uma prova expressiva do quanto é estimado nesta capital o coronel Matheus Martins Noronha.

O Centro Maranhense, do qual é presidente o nosso confrade de imprensa Walfredo Machado, realizou, no dia 28 de julho, para commemorar a data da adhesão da antiga provincia do Maranhão á Independencia do Brasil, uma brilhante solennidade civica, a que compareceram representantes do mundo official e varias figuras de destaque na nossa sociedade e na colonia maranhense desta capital. A photographia ao lado apresenta um aspecto dessa reunião.

Aspecto da homenagem prestada, domingo ultimo, na igreja da Candelaria, ao interventor Pedro Ernesto.

Aos companheiros de Bastos Portela nesta revista, como aos numerosos admiradores e admiradoras do querido poeta de «O Suave Enlevo», é bem grata e alvigareira a noticia de que o romancista illustre de «Uma Garçonne Carioca» vem de fazer uma «tournée» de arte pelo velho e sempre maravilhoso paiz das musas inspiradoras que elle, ha tempo, não visitava. E, desse convivio espiritual e emocional, levado a effeito no silencioso refugio do seu gabinete de trabalho, resultou a agradavel surpreza que communicamos aos nossos leitores: Bastos Portela, por estes dias, publicará «Azul e Rosa» — um novo e lindo volume de poesias, que já está sendo aguardado ansiosamente e com justificadas expansões de júbilo da parte, sobretudo, das bonequinhas de biscuit que elle tem exaltado e cantado com tanta graça e «finesse» de sentimento. Em «Azul e Rosa» predomina ainda, como em «O Suave Enlevo», a nota do mais delicado e delicioso intimismo, tão caracteristica da poesia filigranada, fidalga e communicativa de Bastos Portela. Sua arte, rica de motivos e de expressionismo, leve e subtil como um perfume fino a envolver o corpo de uma mulher bonita, tem alma, colorido e rythmos proprios. E' sua, porque intensamente subjectiva, intimista. E' de «Azul e Rosa» a pagina que aqui estampamos em primeira mão como um regalo dos admiradores e admiradoras do Yves.

CIRANDA, CIRANDINHA...

Na poesia azul das horas mansas,
ao crepusculo rosa, ao escurecer,
ao fim da minha rua antiga,
eu sempre ouço, com a alegria das crianças,
esta linda cantiga,
feita somente para commover...

— "Ciranda, cirandinha,
vamos todos cirandar...
vamos dar a meia volta
volta e meia vamos dar..."

E, languorosas,
as vozes dansam no ar,
e morrem, devagar,
sobre os jardins sem rosas...
— "Vamos dar a meia volta,
volta e meia vamos dar..."

Depois, a tarde se apaga,
na cinza rôsa do poente...
E uma saudade mansa e vaga
chora, dentro de mim,
dolentemente...

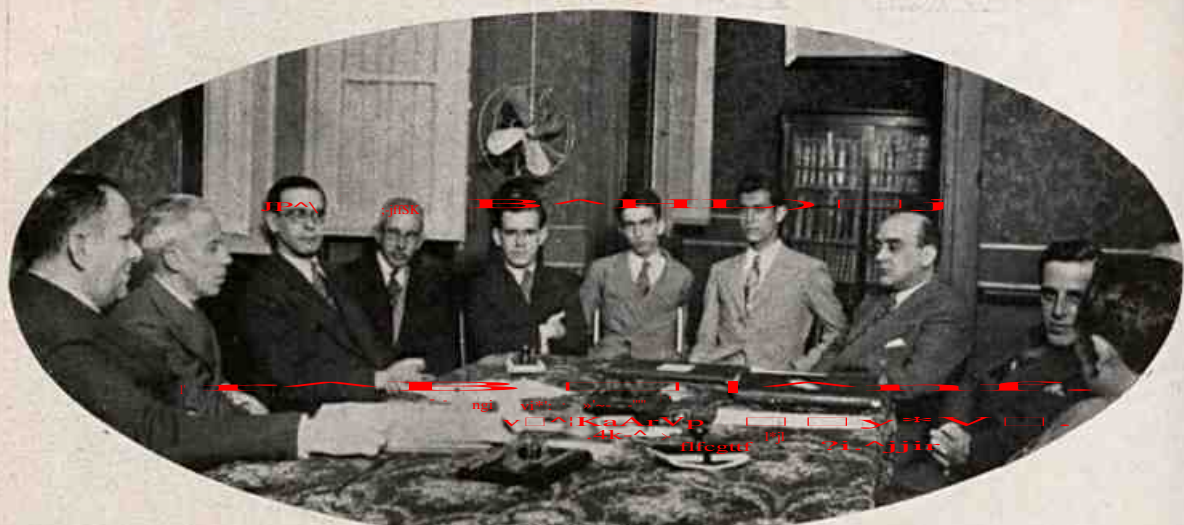
Ha, naquelle motivo, popular,
uma philosophia triste:
— A vida... o Amôr... a Gloria... Emfim, tudo
num continuo e pungente cirandar... [consiste

Destino mau! Como mudou o meu destino!

Fico á janella scismando
e me recordo, chorando,
do tempo em que era menino...

Na minha vida,
eu nada faço mais sinão lutar!
— Vida de voltas e revira-voltas!
Tento subir! Nem chego ao meio da subida!...
Quantas voltas inuteis eu já dei!
E quantas outras mais inda hei de dar!

— "Ciranda, cirandinha,
vamos todos cirandar..."

BASTOS PORTELA

Os representantes do Movimento Social Brasileiro com a directoria da Associação Brasileira de Imprensa, durante a visita que fizeram, acompanhados do dr. Bertho Condé, á séde da A. B. I., na penultima semana.

COMEÇO DE ROMANCE...

(a Martins Capistrano)

Era uma ingleza de olhos liquidos e azúes,
airosa e fina,
sorrindo, na manhã rorejada de luz.

No cabeço dos montes,
os derradeiros rolos de neblina
se dissolviam no ar... Abriam-se horizontes.

A ingleza, fina e airosa,
perguntou-me, a sorrir: — How do you do?
Notei-lhe a linda face côr de rosa,
de manga-rosa de Aracajú.

Sou desses homens timidos do norte,
do norte do Brasil.
Gente sentimental, ardente e forte,
mas que não tem o espirito subtil.

Nem sei falar inglez... Ora que pena!
E que manhã tão limpida e serena!
Guardo, o encanto visual daquella scena,
alli, junto do mar...

Guardo, ainda mais: uma vaga tristeza
de não haver falado áquella ingleza,

sorriso matinal da natureza,
que nunca mais, talvez, hei de encontrar...

Passos Cabral.

O tenor uruguayo Juan Borbat dedicou á imprensa carioca a audição que realizou na séde da Loja Esperança, onde foi tomado o grupo acima, no qual apparece o festejado artista entre artistas e jornalistas presentes.

Trepações

CASOU-SE ha pouco tempo. Antes, *mlle.* tinha uma *pose*, como a da canção. Antes, aliás, não está bem dito. Melhor será explicar. Durante o noivado, é que *mlle.* tinha aquella *pose*... aquella *pose*...

Mas, casou-se. E cousa curiosa: agora está simples, communicativa, outra. Completamente outra. Até para os desconhecidos, para os encontros fortuitos de rua, *madame* agora olha, demoradamente, como si quizesse dizer alguma cousa. Foi, na verdade, uma grande mudança. Só os seus intimos poderão explicar a razão daquella *pose*. E por que com o casamento, quando ella devia assumir attitudes mais discretas e reservadas, se transformou dessa maneira. E os seus intimos o saberão? Talvez só ella mesma, que psychologia feminina é a materia mais variavel do mundo...

TEM sido notada, na Paschoal, a inutil espera do conhecido causidico. Dez, trinta, cincoenta minutos, sozinho, á sua mesa, o brilhante advogado, ha uma semana, tem esperado a *mignonne* companheira, que habitualmente saboreava a seu lado fumegante chicara de chá. O que mais admira é a pertinacia dessa espera. Outro já teria renunciado á esperança de tornar a ver o ingrato [illegible]. Elle, não. Vae religiosamente á hora do costume e lá fica, olhando o elevador, que sobe, quando em quando, como si numa dessas vezes voltasse o seu amôr... Quem sabe si, dentro de alguns mezes, ou de alguns annos, não voltará mesmo?

A senhorita teria sido miss Botafogo, ao tempo dos concursos de belleza, si a escolha das raparigas nesses certamens não dependesse de muitos outros predicados, além dos da belleza pura e simples. Realmente bonita, ella criou o seu circulo de admiradores fervorosos, cada qual mais submisso aos poderes discricionarios dos seus caprichos. E vive assim a dirigil-os, como a um pelotão de soldados um commandante rigoroso. Acontece, entretanto, que no meio desses amiguinhos da *miss*, que não chegou a ser eleita em nenhum certamen, ha um garboso militar, em favor de quem as preferencias da senhorita evidentemente se inclinam. Até aqui, elle se tem portado com irreprehensivel disciplina. Obedece, sem discutir, ás ordens da formosa rapariga. Mas, já não vê com bons olhos os demais companheiros de fórma. Nota-se que elle prefere ser, sozinho, o pelotão daquelle poderoso commando. As relações da senhorita, entretanto, já commentam o proximo acontecimento de uma quebra de disciplina, que vae ser assumpto das rodas elegantes de Botafogo.

Não demorará o dia em que o joven, apesar da sua educação militar, imporá á miss a condição de ser elle o unico a obedecel-a, sob pena de fugir ao commando dos mais bellos olhos do seu bairro.

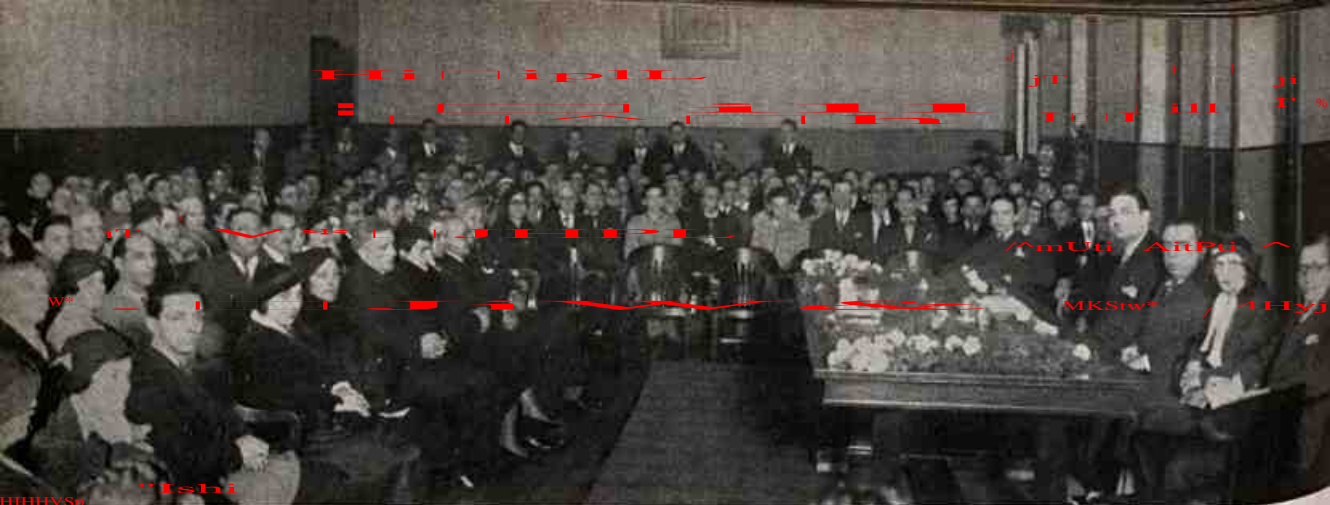
QUANDO a noticia começou a circular no meio dos collegas, ninguem acreditou. Não era possivel. Todos pensaram que fôsse invenção de algum inimigo do rapaz. Mas a noticia foi se avolumando a tal ponto, que já não era possivel descrer totalmente. Alguma cousa devia mesmo existir...

Os mais curiosos começaram, então, a fazer o Sherlock, inspeccionando os passos do rapaz, seguindo-o até. E, um dia, um delles fez a roda dos companheiros para garantir-lhes que era verdade. "Elle vira com os proprios olhos". E contou: "O Fulano está de aza cahida pela negrinha do Ministerio! Amam-se." Uma gargalhada geral estrondou. E os commentarios fervilharam. Elle é um moço branco, bonitão; ella uma creatura má com Deus, como dizem os nortistas. Feia assim, só se vendo. Não tem physico, não tem nada. Que diabo teria achado elle no capricho desse amôr?

Agora, diariamente, os collegas se reunem para commentar esse caso. E fazem uma troça interminavel. Arranjam explicações freudianas, inventam cousas. Um diz que o heroe dessa façanha vae escrever um livro sobre psychoses do amôr. E deseja dar côr local á obra. Outro, que a heroina é macumbeira. Emfim, mil hypotheses se articulam para explicar a historia do amôr de um homem branco por uma "*femme*" *de trente ans*, pretinha, como Deus a fez...

O coração humano tem cada capricho!

Iêda Maria, a galante filhinha do casal Raymundo Martins Teixeira-d. Maria do Carmo Martins. Iêda Maria é afilhada do illustre clinico dr. Waldemar Schiller.

Jujú é o nome deste pequeno marinheiro, filhinho do sr. João Guerra e futuro vencedor de guerras... A sua attitude de commandante precoce está indicando essa tendencia bellica do Jujú...

No salão nobre da Associação Brasileira de Imprensa realizou-se, ha dias, a solennidade da posse da directoria do Circulo Brasileiro de Educação Sexual, tendo feito uso da palavra, além do orador official, nosso confrade Mario do Amaral, os drs. Porto Carrero, Pontes de Miranda e Roberto Lyra e a sra. Anna Bemvinda Dias de Toledo. Presidiu á reunião o dr. José de Albuquerque, presidente do Circulo Brasileiro de Educação Sexual.

DA TENTAÇÃO

Por que é que temos uma inclinação innata para o prohibido? Eis uma pergunta que provocaria uma série de respostas, em consequencia de outras tantas perguntas.

Neste mundo somos todos tentados, ainda que nem sempre nos deixemos vencer pela tentação.

Que seria do mundo si o homem pudesse realizar tudo o que deseja, contrariamente ás leis naturaes e ás por elle mesmo elaboradas?!...

Resistir á tentação é notavel demonstração de superioridade.

ALEXANDRE PASSOS

UM SANATORIO MODELO

O Sanatorio de Mecejana, no Ceará, é uma admiravel realização digna de todos os elogios, levada a effeito pelos clinicos fortalezenses Octavio Lobo, Pedro Sampaio e Linneu Jucá. Construido nas immediações da historica villa da Mecejana, cujo clima sêcco, igual e amavel é dos melhores e mais reputados do Nordeste, destina-se ao tratamento e cura das molestias do apparelho respiratorio. Todas as construcções do Sanatorio fôram elevadas sob a direcção do architecto húngaro Emilio Hinko, isoladas, em meio a ... coqueiros. Obra de alta relevancia social, vem ao encontro das maiores necessidades, pois o Ceará é um dos pontos do paiz procurados por aquelles que soffrem enfermidades pulmonares. No Brasil é o Sanatorio de Mecejana o primeiro estabelecimento apparelhado com os requisitos indispensaveis ao combate a essas molestias. E' uma organização modelar de todos os pontos de vista, que honra aquelles que a emprehenderam e o proprio Ceará. O nosso «cliché» apresenta varios aspectos do Sanatorio de Mecejana, vendo-se o edificio central (com administração, laboratorio, raios X, sala de operações, etc.), dois «bungalows» de isolamento (typos para 6 e 4 doentes) e uma visão da distancia entre os pavilhões.

UM CASAL ALEGRE

(LA FILLE ET LE GARÇON)

PRODUCÇÃO UFA

com Lilian Harvey, Henry Garat, Lucien Baroux e Marcel Vallée

O Hotel Beauséjour possue em Victor um "maitre d'Hotel" digno de nota. Sempre servical, presente sempre onde quer que lhe reclamem os serviços é também o general em chefe de um verdadeiro exercito de "grooms" e arrumadeiras que elle cuida de manobrar energicamente. Em uma palavra, é o typo do perfeito "maitre d'hôtel".

Victor é sentimental. Quatro annos após ter sido abandonado por Jenny, sua esposa, ainda não a pudera esquecer de todo. Em quatro annos muita coisa se transforma. Jenny, a pequena cantora, que era a razão de ser das bellas noitadas em "cabarets" de infima classe, transformara-se numa "personalidade bem parisiense", graças á protecção de um velho nobre, muito rico, o duque d'Auribeau. Um bello dia, sob o nome de Ria Bella, ella surge inesperadamente no hotel Beauséjour. Acompanha-a Madame Bientôt, sua tia, e aquelle mesmo impassivel duque d'Auribeau que lhe não pode supportar a ausencia. Esse acontecimento inesperado enche Victor de alegria. Podia ter outra vez deante dos olhos a mulher que lhe não sahira, um minuto siquer, do pensamento. Mas logo o decepciona a attitude de Jenny-Ria, que lhe solicita, altivamente, o divorcio legal. Apaixonado ainda por aquella mulherzinha irrequieta, Victor recusa attendel-a. "Que fazer, em taes circumstancias?" pergunta Madame Bientôt a um advogado. Este lhe responde, muito serio:

— E' necessario que Madame seja maltratada physicamente por seu marido. Isto é, que este lhe applique, na presença de terceiros, algumas bofetadas energicas...

Industriada pela tia, Jenny tudo faz para merecer do pobre "maitre-d'hôtel" "caricias" indispensaveis ao inicio do processo de divorcio. Põe-lhe a paciencia á prova, rudemente. Não lhe poupa insultos e vexames deante de outras pessôas e nas situações mais delicadas para o pobre Victor. Prega-lhe peças de irritar um santo. Mas a tudo isso resiste o impeccavel gerente. No momento em que tudo faria crêr fosse elle castigar severamente a endiabrada esposa, um sorriso amavel lhe aflora aos labios como se nada tivesse acontecido. E' que o advogado, um pandego de marca, o puzera a par do conselho que dera, ironicamente, a Madame Bientôt. Vendo frustrado, por essa fórma, seu plano, Jenny resolve regressar a Paris. Simultaneamente o duque d'Auribeau contracta Victor para seu "maitre d'hôtel". Isto para que sobre o pobre rapaz desabassem as coleras de Madame! Tal acquisição permittiria ao duque o gozo de uma tranquillidade a que nem a mais leve rusga faria sombra. Mas tudo isso deve constituir uma surpreza. Victor não deve contar a ninguém o que lhe propuzera o duque. Em Paris, o rapaz encontra-se deante de uma mesa enorme, preparada para um grande jantar. Zeloso cumpridor dos seus deveres, elle examina se tudo se encontra no seu devido logar. De repente, um cartão lhe desperta a curiosidade. Uma phrase nelle inscripta o põe fóra de si: "Jantar em que se celebrará o noi-

(Conclúe na pag. 46)

SEM RUMO

(Destination Unknown)

Um film da Universal com Pat O'Brien, Ralph Bellamy, e Betty Compson

DEPOIS do cyclone violento que lhe arrebentára a mastreação e o deixára com o casco fendido, o "Sequoia" ficára em pleno Pacifico, vencido pela calmaria. As velas pendiam ao longo do cordoame e do unico mastro que estava, e não havia esperanças de continuar a navegar.

No emtanto, era preciso fugir dali. Não só o temporal deixára o arcabouço do barco aberto á agua, que começava a encher o porão, mas, tambem, não havia agua e a tripulação começava a sentir-se batida pelo desespero. O unico barril de agua que restava estava fechado a cadeado e Brennan, o contrabandista que depois da morte do commandante assumira o commando, prevendo um fim tragico, reservava-o só para si, tendo declarado que não daria agua aos marinheiros emquanto não houvesse vento sufficiente para garantir a chegada á terra.

Lundstrom, o contra-mestre, era o unico homem que enfrentava a situação com um pouco de calma. Elle esperava vencer Brennan e sonhava tambem apoderar-se da grande carga do navio, toda ella de bebidas, para enriquecer. Para elle a execução do seu plano era apenas uma questão de horas e, tambem, uma questão de se poder apossar de armas com que vencer Brennan, o unico homem que tinha pistolas a bordo.

Naquella noite, o contra-mestre, percorrendo o navio, descobriu que o cozinheiro tinha uma grande quantidade de agua escondida no forno. Immediatamente, elle viu que poderia, com aquella ajuda inesperada, vencer a situação. Tratou logo de matar a sêde da tripulação e, num gesto de revolta, abriu a machado o barril em que Brennan guardava a agua que lhe restava. Lundstrom sabia que nada lhe aconteceria por aquillo. Elle era necessario a bordo, pois que era o unico homem que sabia navegar e que poderia conduzir o barco até as proximidades da costa. Seu plano consistia em suppliciar Brennan e os dois asseclas que o acompanhavam e vencêl-os pela sêde.

Mas parecia haver a bordo do navio um máo espirito.

Naquelle momento justo, o grumete, que estava ferido, descobria tambem o esconderijo da agua na cozinha. Delirando, atirou-se ao precioso liquido e tentou saciar-se. Mas desmaiou e a torneira do fogão ficou aberta, deixando vasar a agua, que representava, naquellas circumstancias, um verdadeiro thesouro. Quando Lundstrom chegou, para vigiar a provisão, teve conhecimento da grande desgraça: o reservatorio clandestino estava vazio! Não restava a bordo uma só gotta de agua. Era a morte, a sêde, um supplicio immenso, e que duraria sabe Deus quanto tempo. Como se não bastasse, a bomba de bordo partiu-se e o mar, cuja invasão até ali fôra mais ou menos impedida, ia tomando conta dos porões.

Sem recursos, quasi vencido, consciente da morte, Lundstrom deu á tripulação o unico conselho que lhe parecia razoavel:

— Vamos abrir as caixas de bebidas e esperaremos pela morte embriagados!

E quando a tripulação, reunida no alojamento, começava a se embriagar, desejando ficar inconsciente para não enfrentar a morte, foi que appareceu aquelle homem. Quando lhe per-

(Continúa na pag. 46)

A WALLY

Producção da CINES PITTALUGA

E' este film a historia de uma camponeza, linda flôr das montanhas, que se apaixona por um caçador do Tirol, justamente no momento em que o rapaz re pellia um insulto do pae della. A joven tinha um pretendente, o qual, desde muito, fôra repudiado por ella.

Despeitado, elle praticava intrigas e perseguia a moça. Chega o dia de uma grande festa typica, onde ha a *valsa do beijo*, promovida por camponezes. Wally, que até então estivéra de luto pela morte do pae, comparece á festa All encontra Hagenback, o caçador, que está preoccupado com Afra, sua nova conquista. Humilhada, Wally conquista o rapaz novamente. Dança com elle a *valsa do beijo*. Antes, entretanto, o rapaz fizéra uma aposta, entre os amigos, de que beijaria Wally. E, realmente, a beija.

Sabedora da aposta, ella arma-lhe o braço contra o rival.

Pela noite, sobre a grande ponte que liga dois picos da montanha, ouve-se um tiro. Wally, estarrecida, comprehende o seu gesto e arrepende se. Vae salvar o ra-

paz. Passa, então, a morar na casa que fica além, no monte. A tempestade de neve ameaça a vida dos dois, e elles, tentando escapar á morte certa, fogem de casa. A tempestade augmenta. Perde-se o caminho. Hagenback cahe no abysmo, levado pelos blocos de neve. Wally, louca, atira-se tambem para juntar-se ao seu amôr.

CONSELHOS DE WALLACE BEERY

"Deve-se observar os actores na téla, não para aprender o que se deve fazer, mas sim para ver o que não se deve fazer".

Assim aconselha Wallace Beery a todos aquelles que estão principiando a sua carreira no cinema.

"Muitos jovens com grandes aptidões têm estragado as suas carreiras por se guiarem pelo que vêem na téla, em vez de crearem sua propria personalidade," disse esse grande astro.

"O joven que observa detalhadamente um actor, com a idéa de estudar a sua technica, se inclinará a imital-o, sem dar por isso. O que estuda o trabalho dos demais e nota os pequenos detalhes de technica ou de caracterização trata de evitar a imitação e, acostumado a ser original, fará de seus papeis verdadeiras creações.

"Desde que principiei a interpretar na téla, comprehendi o perigo de se cahir no habito da imitação. Observar as pessôas na vida real e acceitar suggestões para leval-as á téla, é coisa muito differente. Póde-se estudar certo typo genuino e, recorrendo-se á propria imaginação, desenvolver-se um personagem synthetico, metade verdade e metade ficção. O actor que conseguir tal coisa, indubitavelmente, triumphará na sua carreira."

Si ha alguma pessôa que deva conhecer a fundo o thema de que se trata, essa pessôa é, sem duvida, Wallace Beery. Creou elle um novo typo, com o cunho de sua propria individualidade, chegando a ser o primeiro dos "villões" de Hollywood.

Na época em que Wally entrou para o cinema, os villões eram homens corpulentos, ferozes, crueis.... maus de todas as maneiras. Nunca sorriam. Sempre olhavam de soslaio.

Beery estudou seus methodos e resolveu experimentar alguma coisa nova. O campo estava cheio por aquella época de villões intransigentes. Wally ia ser uma ameaça prazenteira... uma engenhosa ameaça.

(Continúa na pag. 46)

UM CASAL ALEGRE — (Conclusão)

vado de Mlle. Ria Bella e aquelle ridiculo duque d'Auribeau". Desolado, Victor não se contem. Vae ao encontro da esposa, que lhe ignorava a presença, e a esbofeteia na presença dos convidados para abandonar e seguir aquelle ambiente de falso luxo.

Jenny-Ria ignorava realmente esta nova surpreza que lhe reservava o duque. O acontecimento inesperado a transtorna por completo. O que ella não encommendara, a presença do marido, aquella bofetada... Peor é que o duque pretendia apresental-a, naquelle mesmo dia em "cabaret" de luxo. Ella prefere, no emtanto, a essa opportunidade de ... var contacto com a alta sociedade, partir em perseguição de seu marido. Madame Bientôt intervem tentando persuadil-a de que devia ir cantar no tal "cabaret" arranjado pelo duque ao tempo que ella mesma se encarregava de mandar buscar Victor. A'quella hora o rapaz na certa teria esquecido os resentimentos.

Estamos agora no elegante "cabaret" em que Jenny devia firmar, de uma vez para sempre, a sua fama de cantora. O duque d'Auribeau offerecera alguns camarotes aos seus amigos do Jockey Club, mas o malicioso Mauricio, tio de Victor, a quem este confiára as suas maguas, providenciára para que a sala fosse enfeitada pela União dos Domesticos e Empregados em hotéis. E', por consequencia, deante de uma platéa constituida na sua totalidade quasi, por creadas de quarto e comparsas dispostos a representar condignamente o papel que Mauricio lhes confiara que Jenny inicia o seu numero. Ella, julgando encontrar-se em presença de auditorio finamente escolhido, declama pretensiosamente. Por azar sua roupa se prende a uma trave e a vaia pela sala toda, implacavelmente. Estabelece-se uma confusão dos diabos. O duque arranca os cabellos de raiva. As batatas, ao que se adivinha, não devem demorar muito... Nesse momento critico surge Victor. Desolado com o fracasso de Jenny, elle a anima a cantar e dançar um dos seus velhos numeros dos tempos da "Folies-Grenelle". E de novo a sala é conquistada. Cada qual repete o estribilho alegremente. Victor pula em cima do piano ao lado de Jenny e... assim se reconciliam, cinematographicamente, os dois esposos.

SEM RUMO — (Conclusão)

guntaram quem era e de onde vinha, elle se declarou um clandestino, embarcado emquanto o navio estava sem vigilancia. Todos aquelles que o viram tiveram logo certeza de que já o conheciam de algum logar, mas não houve quem pudesse precisar quando e como já tinham visto antes aquelle homem estranho, muito calmo, que recebia as affrontas com um sorriso e que sabia um remedio para tudo.

ESTRELLAS DA PARAMOUNT

Mae West, Richard Havien, Gary Cooper e Caroll Lombard.

CONSELHOS DE WALLACE BEERY

(Conclusão)

Desde o momento em que Wally introduziu no cinema o typo do *villão jovial*, foram immediatamente reconhecidos os seus talentos. A primeira pellicula em que appareceu como "um homem mau" com traços de bondade foi em *The Devil's Cargo*, a qual Wally considera como uma das suas melhores producções.

Wallace Berry não ficou surprehendido, para se dizer a verdade, que o typo por elle originado fosse tão bem acceito pelo publico.

"E' isso o que se passa na vida real", foi seu commentario. "Ninguem é de todo mau nem de todo bom. Por essa razão, a mistura dos dois elementos produz bom effeito num mesmo personagem.

"Já que me sinto com veia de aconselhar (felizmente isso não succede com frequencia, pois me agrada mais ir pescar ou viajar no meu aeroplano), quero dar outro conselho aos artistas que estão a caminho do firmamento estrellado. Não é necessario frequentar escolas de arte dramatica. Os films da actualidade requerem absoluta naturalidade. O "villão jovial" foi um exito porque era humano e natural. Isto é uma verdade indiscutivel, agora principalmente, mas custou muitos annos de ensaios e amargas experiencias para descobril-o. A naturalidade espontanea constitue o segredo da arte na téla.

DESLUMBRAMENTO

DE VALDO DE ABREU

Quanto durou o seu amor vadio,
ciganinha bizarra? Esse meu langue
enlevo, essa aventura, esse arrepio
que me punha illusões no olhar vazio
e uma séde rebelde pelo sangue?

A que tempo foi isso? Ha quantos annos?
Nem me lembra nem sei. A dor convida
ao esquecimento, e vae numa descida,
com febre louca, desfolhando enganos,
e desfolhando sonhos sobre a vida...

De todo o meu passado um quasi nada,
uma tristeza apenas me conforta...
E o seu vulto radiante de alvorada
foi um beijo de luz abandonada
que resvalou no seio da agua morta.

Agosto. O luar cheirava na clareira,
caminho assim como si fosse um dia
aberto sobre a terra que fulgia...
E ella, cheia de graça feiticeira,
tomando-me entre os braços, me dizia:

"A tua mão — vou ler a tua sina:
Serás um poeta illustre, um sonhador
cuidado da mulher que te fascina...
Ha alguém no teu caminho... Ella é divina...
Ama-te... Ama-a tambem com igual amor..."

Eu ouvi com respeito e com ternura
a sua ingenua e linda confissão...
Depois? Não sei de mais... Uma canção
que sobe no ar... Dois beijos... Que loucura!
O luar que se esfarela pelo chão...

Mas você me illudiu, quando, aos ouvidos,
jurou por toda a vida me adorar;
e essa illusão ficou nos seus sentidos,
como ficam nas conchas imprimidos
os marulhos sonambulos do mar...

Ora! A amargura em que me martyrizo
não importa! si tive num momento
o seu amor dulcissimo e violento,
em que fiz do meu sonho um paraiso,
da minha dor fiz um deslumbramento!

UM HOMEM DE SORTE

ADOECÊRA Lena.

— Vou chamar o doutor Jolino, avisa-lhe o marido.

— Não. Não o chames. Doutor Jolino tem muita intimidade em nossa casa.

— Por isso mesmo. E' nosso amigo e terá interesse em restabelecer a tua saúde.

— Não quero. Tenho acanhamento...

— Não sejas bobinha, Lena!

— Não quero, Antônio.

— Tem até o direito de ficar zangado commigo, quando souber que chamei outro médico, estando êlle aqui tão perto.

— Seja! Porém não quero.

— Doente não tem querer... sabes?!

— Antônio, por amor de Deus!

— Vou chamál-o.

Nunca errariam os maridos, si attendessem sempre aos rogos das mulheres quando não mostram vontade de ter certo indivíduo perto de si.

Antônio era amigo do doutor Jolino. Este se mostrava amigo daquêlle. Em occasiões difficeis já o havia mais de uma vez soccorrido; por isso Antônio era-lhe grato.

Intimas as duas famílias, nas ceias joaninas do Gloria, nos bailes de Anno Bom do Copacabana, nas folias carnavalescas; em tudo andavam juntas, e sempre um marido de braço dado com a mulher do outro.

Comtudo, não desejava Lena que o doutor Jolino fôsse o seu médico assistente. O porquê dessa coisa só ella sabia.

Havia certa vez dito ao marido, a quem amava deveras, já não gostar de festas. Estava farta de divertimentos.

Na presença do doutor sentia o ar ambiente saturado de sensibilidades. E conchegava o braço protector do marido ao corpo della como um esteio a amparál-a.

Quando o marido a desattendêra e fôra chamar o doutor Jolino, quasi gritára com todas as forças dos pulmões que êste não lhe tinha amizade, mas faltou-lhe a coragem.

E veiu o homem e auscultou-a mais demoradamente quando lhe applicou o ouvido ao peito... E ella sentia-se contrafeita e ruborizava-se e, angustiada, olhava o marido; emtanto, êste não a comprehendia.

Si a maior prenda da mulher é a honestidade, possuia ella esta virtude e, além disso, queria bem ao seu Antônio e fôra-lhe sempre fiel.

Lena não era mulher de bôas letras, como a espôsa do doutor Jolino, mas fôra senhora de bôas qualidades.

Doutor Jolino tinha o vicio das conquistas de amôr. Conversava certa vez com ella e, no correr da palestra, confessára a sua paixão pela espôsa do outro.

Lena ficára atordoada durante muitos dias, sem coragem de o encarar, sem coragem de o repellir, sem coragem de resolver...

Salvou-a presenciar ella própria o namoro do doutor com conhecida cortezã. E foi a felicidade de Antônio; porque, desavergonhadamente, o falso amigo não deixava de lhe perseguir a casta espôsa.

Antônio enganava-a sempre e até com a verdade, mas dedicava-lhe excessos de carinho.

Doente na cama, disséra-lhe uma vez Lena:

— Antônio, não tens amizade a tua mulher...

— A que vem agora isso, minha joia?

— Si me quizesses como te quero, terias mais um pouco de ciúme...

— Ciúme de ti?! Como ter ciúme de ti, si tenho plena certeza das tuas bôas qualidades moraes e de seres minha verdadeira amiga?

— Confias certamente em mim, por me julgar honesta; mas quem quer bem tem ciúmes. Não tens por mim certos zelos que têem outros maridos pelas suas mulheres.

— Esses zelos são ciúmes; e não tenho o direito de os ter de ti-

(Continúa na pag. 50)

— Não tens amôr que dê logar a certos zelos por mim...

— Dêste hoje para isso, Lena?! E ri gostosamente.

— Podes rir, mas certo é isto: não tens certos zelos que deverias ter...

— Que história é essa? Estás a bater na mesma tecla... Que quer dizer isso? Explica-te.

— Deixaste-me só com o doutor Jolino, aqui, um dia destes... E eu não gosto disso... Não quero isso... Não o quero positivamente.

— Não o queres? Como?!

— Não o quero para meu médico. Não o quero como homem. Não o quero de fórma alguma; E' preciso eu ser franca! Tenho horror áquelle individuo!

— Faltou-te com o respeito?

— Si não me falta com o respeito, é pelo facto de...

E cahira a chorar.

De qualquer sorte, Lena mentira por não poder dizer a verdade crúa.

— Que é isso, Lena?!

— Não vás fazer alguma tolice. Tinha mêdo era disso...

— Não te incommodes. Elle, fica

UM HOMEM DE SORTE

(Conclusão)

certo, não nos apparecerá nunca mais.

— Não vás fazer alguma tolice, por amôr de Deus!

— Confia no teu marido, mulherzinha!

E quando de noite, no Fluminense Football Club, sorridente, o doutor Jolino, com o fim de pedir notícias de Lena, vinha cumprimentar Antônio, êste olhára-o mal encaradamente de cima a baixo e déra-lhe as costas.

Comprehendêra logo o gesto do outro e encolhêra-se.

Ao chegar em casa, contára a Lena o seu feito e recommendára que, quando encontrasse nalgum logar o doutor Jolino, nada de cumprimentos.

Nem precisava recommendação, consoante lhe retrucára a espôsa, pois sentia não ter, há mais tempo, cortado as relações de amizade com aquelle senhor. Dona Ciloca, a senhora delle, sim, era uma pérola, e tinha pena de não falar com ella; mas, doutor Jolino...

— Dizia Cicero, intervem Antônio, ter para si que não podia haver amizade sinão entre pessôas virtuosas. Entre dona Ciloca e Lena correria tudo eternamente bem, mas...

E ficára apparentemente calado, mas, falando para dentro de si, para o subconsciente: "pensei que fôsse muito esperto, emtanto aquelle pandego ia me ganhando a parada!..."

— Ainda bem que acordaste, Antônio!

— Si não acordasse?...

— De qualquer sorte havias de vir ainda a tempo!

Viria?... Não obstante a honestidade da gentilíma e virtuosa Lena, esta, de caracter encantador mas mui sensivel ao soffrimento alheio, poderia, si não houvera presenciado certa scena, ser victima de doutor Jolino, leão de corações feminis e bastante experimentado em fazer as suas presas.

Antônio, não resta duvida, fôra um homem de sorte!...

(*Do livro inedito "No Reino dos Corações"*).

HORMINO LYRA

A GRANDE PAIXÃO DE SUA VIDA

De Arsenio Lins

SYLVIO TABAJARA, atirando o cigarro para longe, levantou-se da cadeira e, andando em derredor da mesa, toda florida, falou-lhe com aquella serenidade e calma, que caracterizavam o seu temperamento combativo que as vicissitudes da vida não conseguiram transformar:

— Nasci com um signo máu. Todos os meus grandes affectos têm-se desmoronado como bolhas de sabão, ao sabor de um sôpro maléfico do destino.

Maria Eduarda fixou-lhe os grandes e profundos olhos scismadores e retrucou, com um timbre de voz que o commoveu:

— Já previa a scena. Tiveste um capricho e nada mais. Nem és mais a sombra daquelle de outróra, tão meigo, tão apaixonado e tão bom.

E lembrando o poéta; sussurrou-lhe aos ouvidos, de mansinho, como numa prece:

O nosso amôr foi assim: — um
[sonho que viveu
de um sonho, e despertou á areali-
[dade um dia...
— Um pouco de chiméra ao léo da
[fantasia.
— Uma flôr que brotou e nem bo-
[tão morreu...

Embora: sendo nosso — este amôr
[foi só meu.
Porque o teu não foi mais que pura
[hypocrisia
— No fundo, ha muito tempo, a
[minha alma sentia
este fim, que o destino afinal, já
[lhe deu...

Para dois espiritos que se comprehendem e se amam, uns versos tão expressivos e tão humanos têm um effeito de toxico: fazem esquecer todas as amarguras, todos os desgostos, todas as mágoas...

Sylvio Tabajara teve impetos de arrastal-a dali, de leval-a comsigo para sempre...

*

Mas, havia entre ambos, separando-os, os preconceitos sociaes.

E calaram-se. Lá fóra, os autos fonfonavam. Pela janella, entrava uma réstea de sol que tombava, melancolicamente, no occaso... Uma orgia de côres e de luz...

* * *

Sylvio Tabajara bem comprehendia a sua responsabilidade naquelle caso de amôr. Fôra elle que o provocára. Aliás, sempre os homens são os eternos responsaveis... Pelo menos no noticiario dos jornaes e na indignação da familia e da sociedade. Mas, ali, elle, que não conhecia o que era hypocrisia, sabia que tudo fôra obra de seus sentidos e de sua imaginação...

* * *

— Vamos dançar?

E, ao som da orchestra, numa noite de carnaval, Sylvio Tabajara lhe fez a grande confissão... Elle sentiu que Maria Eduarda já a esperava. Porque, francamente, sem rodeios, como uma alma pura, respondeu-lhe:

— Só mesmo num dia assim, de loucura collectiva, você teria coragem de me confessar aquillo que eu já sabia...

E rindo:

— As mulheres são mais perspicazes do que os homens...

(Continúa na pag. seguinte)

A orchestra tocava com vibração e os musicos cantavam:

Quando você morrer
Não pense que eu vou chorar...
Vou procurar quem me dê
O que você não quiz dar...

E depois daquella noite alicerçou-se o amôr entre ambos...

* * *

Sylvio Tabajara, porém, não era, evidentemente, um conquistador consagrado: era um estréante réles, desses que se intimidam e baixam a cabeça quando são olhados demoradamente pela mulher amada...

* * *

E a vida continúou. Entre Sylvio Tabajara e Maria Eduarda não havia, até então, sinão, um amôr platonico. Olhares, desejos insatisfeitos e nada mais... Um deserto sem fim, sem esperança, ao menos, de um oásis...

E a vida continúou. Cada dia que passava aquella paixão era quasi a razão da existencia de Sylvio Tabajara. Era um cocainomano do amôr... A' principio, por uma vaidade, uma pitada... Depois, o prazer immenso que lhe causava aos nervos aquella vibração estranha. E em seguida a necessidade imperiosa do toxico que o organismo exigia... Assim o seu amôr, aquelle immenso amôr...

* * *

Maria Eduarda, como toda mulher intelligente, tinha o dom divino de saber disfarçar, arrastan-

A grande paixão de sua vida

(Continuação)

do-o cada vez mais para os seus braços...

Um dia, Sylvio Tabajara, já exasperado, quiz experimentál-a...

— E si nós fugissemos para bem longe?

Ella nem siquer respondeu. Limitou-se a olhál-o e sorrir. Era como si dissésse:

— Não vale a pena... Para que?

* * *

Sylvio Tabajara vivia a matutar sobre a tragedia de sua vida. O supplicio de Tantalo não o impressionava mais... Sêde de agua... Sêde de amôr... Uma e outra bem se equivalem...

* * *

Sylvio Tabajara tinha, porém, um temperamento impulsivo. Era, talvez, um epileptico retardatario.

Aquella situação o acabrunhava. E comsigo mesmo, bebericando aperitivos, ficava a scismar sobre a attitude que tinha de enfrentar para obter aquillo que mais o preoccupava na vida: o idéal de amôr que alimentava, ha tanto tempo.

Contra a realização do seu sonho, porém, se levantavam todas as barreiras...

* * *

E a vida continuava e com ella a grande paixão de Sylvio Tabajara...

* * *

Maria Eduarda, porém, não se decidia. Affavel, meiga, deslumbrante na sua belleza, fazia da existencia de Sylvio Tabajara uma tragedia intima.

E elle a supportava com a resignação de um apostolo.

Amava-a e isso era o bastante para que enfrentasse todas as desventuras...

Um dia, porém, Sylvio Tabajara não supportou mais aquelle supplicio.

E, com a franqueza que o caracterizava, num momento de exaltação, disse-lhe, sem rodeios, franco, como um combatente que não teme o perigo nem a luta:

— Temos que decidir hoje o nosso destino.

E ella, com um sorriso:

— Pois que seja agora mesmo.

E cahiu-lhe nos braços...

* * *

A locomotiva deu um apito estridente, avançando trilhos afóra, rasgando distancias, em demanda da estação.

O chefe de trem, vermelhaço, sacudindo-me, gritou:

— O bilhete!...

Eu tive vontade de enganál-o. Acordar-me num momento em que eu sonhava de olhos abertos...

AS CARTAS INCONFIDENTES

MOSTRA-SE um maço de cartas commum, que se deixa sobre a mesa. O amador retira-se e, na sua ausencia, um espectador corta o jogo em dois macetes, conta as cartas de um delles e o põe sobre o outro.

Na sua volta e sem compadres, o amador adivinhará quantas cartas contaram, podendo ainda repetir a sorte tantas vezes quantas quizer, sem sahir os macetes das mãos dos espectadores.

Explicação:

O jogo compõe-se de onze cartas, que são: az, dois, trez, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez e uma carta indifferente, á qual se dá o valor de zero. Será a carta que o amador retira no caso em que o espectador não tenha tocado no baralho.

Arranjadas as cartas na ordem acima indicada, pode-se, antes da experiencia, partir o jogo, porém *sem o misturar*. Para conseguir esse resultado, basta conhecer-se a carta que se acha por baixo do baralho, no momento em que o amador se retira. Na hypothese de ser um *quatro*, e tendo os espectadores partido o jogo *uma só vez* na sua ausencia e contando o macete de cima antes de o collocar sobre o outro, o amador toma o jogo e retira a *quarta* carta (a contar de cima para baixo). O numero de pontos que essa carta marcar indicará precisamente o numero de cartas passadas pelo espectador.

Si o amador deseja recomeçar esta experiencia, não precisa ver mais qual a carta que se acha em baixo do jogo: uma simples adição lhe indicará o numero da ordem da carta que deverá retirar na experiencia seguinte. Esse numero é o total das duas cartas: a que se achava embaixo do baralho na experiencia anterior e a que se virou para adivinhar as cartas transportadas anteriormente.

Exemplo: Si antes da sorte a carta de baixo era um *seis* e acontecer que, tendo o amador procurado essa sexta carta, seja ella um trez, dirá elle: seis e trez nove. Então, será a nona carta, que o amador deverá tirar para adivinhar pela segunda vez. Continuando a sorte, si essa nona carta é um sete, dirá: 9 e 7 são 16; porém, como não se opera mais do que com onze cartas, subtrae-se esse numero de dezeseis, o que ficará cinco, e será agora a quinta carta que se deverá retirar para adivinhar quantas cartas os espectadores passaram para cima do jogo na terceira vez, e assim em seguida.

O AZ FORÇADO

O magico mostra dois azes de differentes naipes e, antes que um espectador se decida a escolher um delles, poderá saber qual vae tomar. Com effeito, por mais esforço que elle empregue para não retirar o que já sabe, não o conseguirá. Sorte facil e infallivel para convencer o publico da sua força de suggestão.

Explicação:

Recorta-se um ponto de espada de uma carta qualquer, que, com um pouco de sabão branco, se colla sobre o ponto de um az de ouros. Essa carta, assim preparada, que marcará um az de espada, junta-se a um az de ouros sem preparação, deixando-se as duas cartas sobre o baralho.

Antes de se começar a sorte, escreve-se em um pedaço de papel a seguinte phrase: "Retirar o az de ouros". Mette-se esse papel em um envelope, fecha-se o mesmo e entrega-se elle a um espectador para o conservar na algibeira.

Em seguida, toma-se o baralho, retiram-se as duas cartas, mostrando-as ao espectador.

Ao collocál-as sobre a mesa, com as costas viradas para cima, arranca-se o ponto falso de espada que encobria o az de ouros.

Pede-se ao espectador que escolha uma das duas. Qualquer que

elle levante será precisamente o valor da carta que se escreveu no papel que se acha dentro do envelope. Manda-se, então, abrir este para que o espectador se certifique da verdade.

OS CRIMES DE UMA RELIGIOSA

(SHERLOCK HOLMES POR CONAN DOYLE)

(Continuação do numero anterior)

— Visto que você ahi está, então... espere um pouco ahi fóra até que eu o chame, replicou Sherlock. Ainda não tive um minuto de meu.

— Talvez, interrompeu Berber com um sorriso, queira examinar isto com attenção.

E apresentou a Sherlock um simples botão de chifre, como os que se usam nos fatos de homem.

— Maldição!... Isto é o botão que falta na manga de casaco de sir Frederico! Oh homem, onde achou você isso?

— Não fui eu quem o achou; foi Point que m'o trouxe.

— O que, o cão? Que pena! Não podermos saber onde o animal o apanhou.

— Mas eu já descobri. Voltei novamente com Point ao local da floresta onde o sr. mandou derreter a neve, sir... e o cão deitou-se ahi... de repente levantou-se, e farejando, apanhou-o não longe do sitio onde o sr. apanhou o cartucho, entre as pinhas.

— Hum! Não lhe dizia eu que houvera luta? Estou convencido que sir Frederico foi nesse sitio atacado pelo seu inimigo. Se eu tivesse logo o assassino... bello, falae no mau e apparelhae o pau! Olhe para li, lá vem o proprio Tribold da aldeia e dirigi-se para aqui!

E na realidade aproximava-se por um atalho, o carpinteiro, que com ares desconfiados, e uma trouxa na mão direita, se dirigia para a estação.

— Aquelle não pode partir, disse Sherlock Holmes ao telegraphista, que desempenhava tambem as funcções de chefe de estação. Você tem de empregar todos os meios para o reter.

— Isso é bom de dizer! Se eu lhe vender um bilhete tenho de o deixar tomar o seu logar no comboio.

Sherlock meditou um pouco. Em seguida disse precipitadamente:

— Que comboio chega agora? O rapido que só pára se o sr. lhe fizer signal?

— Sem duvida. Segue a sua marcha, se eu não mostrar a bandeira encarnada, mas sim a amarella.

— Bom, então é negocio feito. Quem é que segura a bandeira para dar signal?

O chefe da estação comprehendeu onde elle queria chegar.

Sorrindo apontou para um canto, onde estavam as duas bandeiras e dirigiu-se para o guichet.

Tribold, olhava receioso em redor, pediu um bilhete para Londres e recebeu-o.

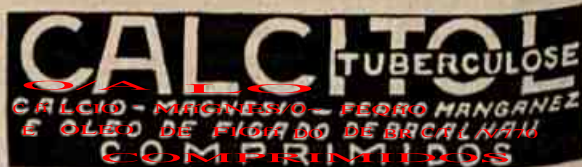
A' frente, do lado donde o comboio avançava, Sherlock Holmes agitou a bandeirinha amarella.

O comboio passou como um relampago pela estação desapparecendo ao longe e Tribold olhou-o como que assombrado. Dirigiu-se então encolerizado a Brave:

— O que é isto, senhor! O comboio não parou. Hei de me queixar!

Brave encolheu os hombros.

— Naturalmente foi engano do machinista que per-

cebeu mal o signal. Mas isso não é nenhuma desgraça. Daqui a duas horas tem outro comboio.

— Daqui a duas horas! Já se viu uma coisa assim! Pois eu preciso ir á cidade, e o sr. é que é o culpado de eu ficar aqui.

— Não me faça discursos, e saia já da estação, homem.

Tribold enrugou a testa. Mas o "acaso" era contra elle, e que fazer alli?

O papel com as palavras ameaçadoras que elle encontrara em cima do banco de trabalho dava-lhe cuidados.

Lentamente dirigiu-se para a aldeia.

— Se eu estou perdido, murmurou elle rancorosamente, hão-de elles pagar bem caro o que me fizeram! O que me resta do dinheiro que ganhei neste negocio? Nada... absolutamente nada. E' o que eu sempre dizia: desde a traição de Kitty tudo acabou para mim!...

Sherlock esperou até que perdeu Tribold de vista. Então dirigiu-se tão depressa quanto poude ao castello e reuniu em redor de si lady Elisa, Gerald, Berber e o velho José.

— Aqui, disse elle, tenho eu a carteira do carpinteiro, contra o qual tenho fundadas suspeitas. Verifiquei que elle tem um dente de cima partido, do qual estão marcados os vestigios no lapis que eu achei e que é por assim dizer a base das minhas suspeitas. Além disso encontrei em casa delle um bilhete escripto pela irmã de caridade, que prova que ella queria entregar ao carpinteiro uma promettida recompensa. Elle foi pois pago pelo amante da Ethel, por um tal Harold, segundo eu presumo.

— Harold! interrompeu Gerald, esse é o meu maior inimigo...

— Bom, então fará bem em não sahir hoje do castello, Gerald; pois que ha uma hora chegou esse Harold William disfarçado e foi para a aldeia! Agora desejo ainda saber quando morreu o seu segundo irmão Henry.

— Foi a 5 de novembro.

— Bem! E nessa occasião estava a irmã Ethel no castello, não é verdade?

— Sim, tinha chegado uns dias antes; meu pae tinha a convidado, mas ella não se demorou muito.

— Hum! e justamente nesse dia esteve o carpinteiro Tribold aqui, para concertar o caixilho da janella do quarto da irmã Ethel?

— Se foi precisamente nesse dia não lh'o posso affirmar, sr. Holmes, disse José.

O criminalista puxou da algibeira a carteira que tirara do armario de Tribold, e desdobrou um papel no qual o carpinteiro escrevera: 5 de novembro, concerto dum caixilho de janella no castello. Tres shillings.

— Ah! exclamou Gerald, o sr. pensa...

— Ainda não acabei, proseguiu Sherlock. Aqui está ainda uma insignificancia.

E tirou da carteira um pequeno objecto que levantou no ar triumphante.

Era a lapiseira de ouro do assassinado.

Com um grito abafado Gerald quiz agarral-a.

— Meu pobre irmão, exclamou elle, então foi elle realmente assassinado traiçoeiramente!

Mas antes que as suas mãos tivessem tocado na lapiseira que o policia segurava, resoou um fraco estalido no aposento. Gerald cambaleou e cahiu para a frente.

(Continúa na pag. seguinte)

Ethel gritou desesperdamente e tentou amparal-o na queda; mas foi arrastada violentamente por elle e ambos cahiram no chão do aposento.

Rapidamente Sherlock ajoelhou junto delle e levantou a mão como que socegando os assistentes.

— Não é nada, apenas uma arranhadura de bala.

CAPITULO X

UM APRENDIZ DE CARPINTEIRO

Sem que ninguem o percebesse, logo que se ouviu o enigmatico tiro, Berber sahira.

O seu experimentado ouvido de caçador tinha percebido bem que este tiro só poderia ter sido dado com a chamada polvora sem fumo, e que pelo fraco estampido fôra empregada uma Tesching ou qualquer arma semelhante de pequeno calibre.

— Isto é obra da diabolica mulher, da irmã da caridade, pensou elle. E immediatamente correu para o quarto de Ethel.

Mas a porta estava fechada.

Assustada appareceu a creada do quarto e exclamou:

— O que faz sr. Berber? A irmã de cama doente e pricisa dormir.

— Tem você a certeza de que ella está lá dentro.

— Que pergunta?! Eu mesmo a metti na cama, e teria com certeza ouvido, se ella se levantasse.

"Ainda ha pouco ella se fechou por dentro para que ninguem a fosse incommodar, e o senhor vae agora fazer esse barulho! Isso é uma grande inconveniencia.

— Caluda! rugiu colerico Berber. Atiraram uma bala ao meu joven amo, e então pertence á diaconisa cumprir os seus deveres e vir tratar do ferido em vez de tratar de si propria.

"Vá immediatamente acordar a irmã, e mande-a lá abaixo. Entretanto eu quero ver se posso descobrir.

As suas palavras perderam-se na escada que elle desceu de um salto.

Estava convencido de que o tiro não podia ter partido senão do salão de fumar.

Nenhum outro compartimento communicava com o salão onde elles estavam e a porta para o vestibulo estava bem fechada.

Quando entrou no quarto de fumar, já lá encontrou Sherlock Holmes, que estava de braços cruzados no meio do aposento e olhava em redor de si.

— Olá! o sr. Berber tambem queria ver, como o assassino tentou o seu plano? Não precisa procurar mais. Olhe pela janella.

Com effeito estava entreaberta.

Berber chegou á janella e debruçou-se.

— Vestigios na neve? perguntou Sherlock Holmes meio zombeteiro. Por esses é que havemos de procurar. O criminoso foi muito esperto; abriu a janella para nos lançar numa pista falsa, mas pela porta é que elle sahiu.

— Com mil demonios, somo sabe o senhor isso?

— Olhe aqui! Atirou com a Tesching pela janella; mas coitado teve azar em toda a linha, pois que na precipitação da fuga escorregou e fez ali no ladrilho encerado um sulco com os pés.

Sherlock Holmes apontava para o chão junto á porta. Porém, Berber não se deixou convencer com facilidade.

— Oh Santo Deus! Este risco pode muito bem estar aqui já ha dias! Meu caro Sir...

— Respeitavel Berber, eu não costumo falar por enigmas. Hoje de manhã foram encerados estes tres compartimentos. E não ha menor arranhadura.

"E justamente porque o soalho não costumava estar tão escorregadio é que o criminoso escorregou ao fugir. Ou para melhor dizer a criminosa.

— Ah! O senhor julga... Mas eu já fui ver lá acima, a irmã está na cama.

— Isso é o que lhe parece! Mas eu asseguro-lhe que ella não está no seu quarto.

— Que infame comediante!

— De nada serve praguejar, meu caro Berber, com isso não adeantamos nada. Do alto da escada olhei tambem para a estrada que conduz á aldeia e vi um "garoto" alto que corria á desfilada para a casa do carpinteiro.

— Sim! E era a irmã de caridade?

— Com certeza. Ella deve ter perdido o juizo se pensa que nos pode escapar. A casa de Tribold está ha que tempos vigiada e quem lá entra agora é como se cahisse numa ratoeira. Eu vou já para lá, e se lhe agrada, pode acompanhar-me.

— Se me agrada?! Está claro que sim. Vou buscar as minhas armas, não me demoro.

(Continúa na pag. seguinte).

A REHABILITAÇÃO DA AGUA E DO SABÃO

Varios dermatologistas e especialistas no tratamento da pelle vêm chamando a attenção do publico feminino, especialmente interessado no assumpto, para os perigos de um preconceito que vinha tomando fóros de verdade assente.

Muitas senhoras consideram o sabonete prejudicial á cutis, empregando-o no banho, mas evitando-o, cuidadosamente, na hygiene do rosto. Sem poupar despesas na heróica e louvavel empreitada de se tornar cada vez mais bellas, experimentando e applicando com enthusiasmo todos os cosmeticos e cremes que surgem, muitas deixam-se levar pelo erroneo preconceito, repudiando o sabonete.

Autoridades, porém, como o Dr. Oscar L. Levin, da Cornell University, chegam a affirmar peremptoriamente: "Em combinação com a agua, o sabonete é o mais valioso agente pra conservar a pelle do rosto sempre normal e saudavel". O Dr. Jay Frank Schamberg, de Philadelphia, insiste na mesma opinião.

Póde-se dizer que se inicia, com essa campanha chefiada por grandes autoridades scientificas, uma rigorosa e definitiva rehabilitação da agua e do sabonete na hygiene da cutis feminina. O que não deixa de ser uma noticia muito interessante para os fabricantes do Sabonete Gessy e outros congeneres.

LEIAM os romances de *Fon-Fon*, variadissimas collecções do grande escriptor francez Michel Zévaco.

— Onde está José?

— Está de sentinella á porta do lord e não deixa ninguem entrar. E' preciso que o lord não saiba tão cedo deste attentado.

Berber correu ao quarto, armou-se até os dentes e reuniu-se a Sherlock.

— Ainda dez minutos! disse este. Então deve chegar o meu discipulo Harry no comboio. Deve trazer comsigo uma pessoa que tornará inuteis as negativas do sr. Tribold. Mas caminhemos, muito de mansinho, Berber. Antes que nos vejam precisamos espreitar ainda a honrada sociedade lá reunida.

Tinham agora chegado em frente da casa verde, e saltaram por cima da sebe que separava o pateo das trazeiras. Sem o menor barulho subiram pela pequena escada que á maneira de poleiro conduzia ao salão, que servia de quarto de dormir a Tribold.

O que primeiro ouviram foi uma voz muito sua conhecida, que exclamava:

— Eu não fico mais aqui nem uma hora, Harold. Asseguro-te que esse maldito policia descobriu tudo. Elle revistou as coisas de Tribold e roubou-lhe a carteira.

— O cão! vociferou Tribold. Como eu me deixei illudir! Maldita a hora em que eu me deixei embalar com as vossas cantigas, para commetter os crimes...

— Agora chama-lhe crimes? exclamou Harold indignado. Mas nessa occasião dizia você que se queria vingar do ladrão da sua honra!

— Mas isso... isso não tem nada que ver com o outro caso. Já ha muito tempo que eu me arrependi da morte de sir Henry. Eu não devia ter-lhe deitado o veneno no copo; elle não me tinha feito mal nenhum.

— Ora! tel-o-ia eu feito, exclamou Ethel, que vestia uma blusa de ganga azul, um avental como um aprendiz de carpinteiro e que tinha os cabellos occultos num bonnet como os que se usavam no inverno na aldeia.

Tribold voltou-se furioso para ella:

— Não me disse a senhora que precisava dum veneno de effeitos seguros e rapidos? Não foi a minha provisão de strychinina que lhe pareceu optima para os seus fins? Você fez-me commetter os crimes, procurando por todos os modos convencer-me com palavras e promessas de mundos e fundos; prometteu-me mais segurança incondicional e foi você que me atraiçoou!

— E' mentira! exclamaram a um tempo Ethel e Harold.

— Ninguem proferiu uma palavra siquer! foi o faro desse maldito policia que descobriu tudo.

— Faro não chamo eu a isso! Faro não é revistar as minhas coisas e roubar o que lhe faz conta!

— Sim, elle deve ter tido antes disso alguma suspeita, mas ainda não comprehendo como isso pudesse ser!

No bocadinho de lapis ninguem pensou.

Já Berber se dispunha a saltar de repente em baixo e aprisionar a famosa "folha de trevo", quando o policia o deteve prendendo-lhe um braço entre os dedos como se fosse um torno.

— Quieto! Nem um pio! segredou elle. A scena dramatica é para mais tarde!

— Malditos! Não foi o caso já dramatico de mais! rugiu o centeiro.

— Falta ainda uma ninharia, disse o policia. O amigo Tribold ainda vae ter uma grande alegria.

Dizendo estas palavras desceu muito cautelosamente para o pateo, collocou-se defronte da casa e deu um leve mas prolongado assobio.

Tres homens se destacaram da sombra da casa fronteira e aproximaram-se. Eram policias que esperavam as ordens de Sherlock Holmes.

— Um deante da janella! commandou em voz baixa o celebre policia. Um atraz da porta, e o outro entra atraz de mim. Daqui a alguns minutos deve chegar Harry. Conhecem-n'o?

— Sim, sr. Holmes.

— Então deixem-no entrar, bem como á sua companheira. E agora para a frente.

CAPITULO XI

Não obstante os homens terem entrado com muita cautela para não fazer ruido, não o fizeram todavia de forma que Tribold os não sentisse.

— Vem gente! disse elle. Fomos descobertos.

Immediatamente agarrou a espingarda que estava encostada ao banco de carpinteiro e metteu-a á cara para alvejar.

No mesmo instante soou uma detonação e a espingarda saltou-lhe das mãos estilhaçada.

Abriu-se então a porta de par em par e appareceu Sherlock no limiar.

O revolver com que elle disparára o tiro de mestre segurava-o elle na mão com o cano apontado á cabeça de Tribold.

— Não se mexa, disse elle num tom energico, si não é um cadaver.

(Continúa no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 48$000
Semestre (26 ») .... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 70$000
Semestre (26 ») .... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 78$000
Semestre (26 ») .... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 115$000
Semestre (26 ») .... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez

F O N - F O N

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Thesoureiro:
Gustavo Barroso Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136
Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97
Endereço telegr.: FON - FON
Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á
EMPRESA
FON - FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:
Comptoir Internacional de Publicité Garçon & Levindrey
Rue Trenchet, 9 — France Paris VIII Ludgate Hill. Londres.

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado .... 1$500

A fama proclama:
O melhor
contra todas
as dôres é
o remedio
de confiança
CAFIASPIRINA
BAYER